

# O SILÊNCIO É UMA FIGURA GEOMÉTRICA

---

Francisco Carvalho

**UFC**

---

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL

A par de tantos caminhos de leitura que sugere a poesia pluri-sinfônica do cearense Francisco Carvalho, cremos que a exploração do lúdico se perfaz de modo pertinente. Quer seja em obras anteriores, a exemplo de *Galope de Pégaso* e *Sonata dos Punhais*, ambas de 1994; *Raízes da voz* (1966) e *Os exílios do homem* (1997), entre outras, quer seja em *Girassóis de barro*, publicada pela Universidade Federal do Ceará, Programa Editorial da Casa de José de Alencar, em 1997.

A este propósito, o próprio Francisco Carvalho não dá margem a dúvidas, quando, em nota introdutória à segunda parte, "Pastoral de Minas", alerta os leitores para que não vejam aí simplesmente uma volta à poesia bucólica dos arcades. Na continuidade do seu pensamento, assinala: "O autor pretendeu apenas exercitar seu permanente fascínio pelo dinamismo e as possibilidades lúdicas da palavra, coisas que não constituem privilégio exclusivo de determinadas escolas literárias ou de certos procedimentos estéticos".

O dinamismo e as possibilidades lúdicas da palavra, a que se refere o autor, se impõem recorrentemente pelos relevos verbais dos poemas, em moldes os mais variados e surpreendentes. Diríamos, contudo, que a raiz desta prática puramente lúdica reside em alguns dos elementos estilísticos mais característicos do gênero lírico, isto é, o paralelismo (sintático, semântico e sonoro) e a repetição de base anafórica. Um texto, como "Jogos florais", explicita bem, na simetria de algumas estrofes: "Ó flor do caos / ó flor do lodo / ó flor do pântano / ó flor do êxodo. // Ó flor da pedra / ó flor da escarpa / ó flor da murta / ó flor da Marta".

E explicita bem na quebra proposital e também lúdica dos versos finais: "Ó flor dos mortos / ó flor do enigma / ó flor crestada / pelo ostracismo". A propósito, este tipo de quebra, verdadeira ruptura interna na estrutura melódica e semântica do poema, é, na mais das vezes, o responsável principal pelo estranhamento estético. Veja-se, por exemplo, um poema como "Canção das fêmeas", onde a negativa da estrofe final redimensiona a estrutura e a significação

afirmativa das estrofes anteriores. A seqüência “Todas as fêmeas / são gêmeas / de Penélope (...) Todas as fêmeas / estão de partida / para os deltas do orgasmo”, é subvertida e, ao mesmo tempo, esteticamente intensificada com o último terceto: “Nem todas as fêmeas / são ubíquas / e heterogêneas”.

Para acentuar as virtualidades lúdicas que a poesia promove, Francisco Carvalho não descarta o repertório folclórico das parlendas, com seus paralelismos rítmicos, decerto aproveitados em experiências textuais, como “À beira de tudo”, “Pássaro”, “Poema caipira” e “Igualdade”. A tradição oral e popular é também valorizada na inventividade do poema “Zôo no céu”, elaborado a partir do Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos, de R. Magalhães Júnior, assim como se exploram as perspectivas funcionais de uma forma consagrada como o soneto, na série dos sonetos triangulares.

É evidente que a paisagem aflora, em *Girassóis de barro*, pontuada pela dicção telúrica, pelo viés filosófico, pelo calor do erotismo, pela empatia social e pela junção mágica do sagrado e do profano. Não obstante, ao desafio das mensagens se superpõe o vigor acústico, plástico e cadenciado dos investimentos lúdicos, a fazer da poesia de Francisco Carvalho uma rara cristalização de som e sentido, uma poesia perfeitamente adequada ao entendimento de Paul Valéry, enquanto metáfora do jogo com as palavras e a linguagem.

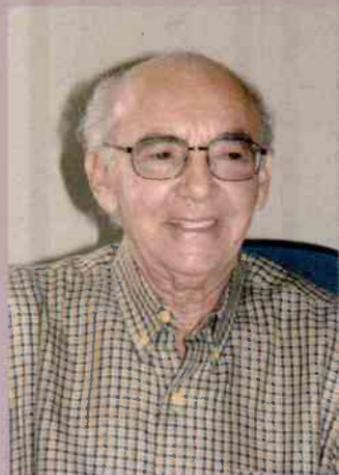
Com a exploração da função lúdica, natural ao processo poético de criação, Francisco Carvalho convoca a origem mágica e mítica da palavra, sua presença enigmática e ritual, sua força primitiva, para compor os vastos espaços de sua poesia. Em todos os sentidos, uma poesia maior; jazida poliédrica de todas as pepitas, veio inexaurível das mais variadas pedras de toque. Uma poesia que nos ensina ser o amor “uma rosa / que se masturba no caule” ou ainda que “Só o amor nos redime do caos”.

**Hildeberto Barbosa Filho/PB**  
Professor, poeta e crítico

“Com essas poucas e superficiais colocações sobre intertextualidade, queremos deixar clara a sólida formação cultural e poética de Francisco Carvalho, alicerçada na cultura clássica, nos grandes movimentos literários e nas lições dos mestres da criação poética estrangeira e nacional, alicerce indiscutível da natureza de sua poesia singular, diferenciada, produto de uma personalidade bem distinta em sua expressão estética.

A leitura de **O Silêncio é uma Figura Geométrica** nos leva a um longo passeio pela História, pela civilização ocidental, das pirâmides do Egito, dos Jardins Suspensos da Babilônia, das muralhas de Jerusalém, do templo de Salomão, dos pináculos do Partenon, dos arcos do Fórum romano, das torres góticas das catedrais medievais, dos palácios renascentistas, da armadura de ferro da torre Eiffel, do casario colonial, dos profetas do Aleijadinho, às jangadas nordestinas, aos edifícios esplendorosos das grandes metrópoles hodiernas, às planícies secas do vale do Jaguaribe, ao pátio da igreja paroquial da vila de São Bernardo das Éguas Russas, ao birô do burocrata, à planura das coisas miúdas do dia-a-dia, tudo isso permeado pelas preocupações com a vida, a morte, o tempo, o ser e a natureza, em seus atributos essenciais e acidentais... Sem esforço, pode-se perceber a veracidade do que foi dito e a eloquência do que se calou.”

**Prof. Luiz Tavares Júnior**



*Francisco Carvalho*

**UFC**

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL

# O SILÊNCIO É UMA FIGURA GEOMÉTRICA

Use como um belo presente e  
ficcionista. Pilto  
Maciel, as remove-  
elas homemagens  
elo

André  
2010/1/2009

# COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

## COORDENADOR

Antônio Martins Filho

## CONSELHO EDITORIAL

Francisco Carvalho  
Joaquim Haroldo Ponte  
Geraldo Jesuino da Costa

## CAPA

Ana Cecília de Andrade

## MONTAGEM DA CAPA

Assis Martins

## EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Carlos Alberto A. Dantas

## REVISÃO DE TEXTOS

Francisco Carvalho

# O SILÊNCIO É UMA FIGURA GEOMÉTRICA

---

Francisco Carvalho

**UFC**

---

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL  
2002



Ce n'est pas le poète qui compte, ni le poème non plus. Le lecteur seul et cette étoile qui se lève, inattendue et impossible dans le ciel de sa tristesse; la chaleur dans son froid; l'espérance inconnue dans l'océan connu et tourmenté du désespoir. L'amour est là. Ni dans celui qui donne, ni dans celui qui reçoit, ni même entre les deux: il est l'échange de l'un à l'autre. La poésie est cet échange; le poète celui qui commence. Rien sans lui ne s'inaugure, c'est vrai; mais, dès que la poésie respire, il sait que c'est dans les poumons de l'autre.

ARMEL GUERNE (*Fragments*)

Os oiros e os clarões são todos meus.

FLORBELA ESPANCA (*Sonetos*)

O texto em francês foi extraído da contracapa da revista LAUDES, nº 140, dezembro/2000.



Ao prezado amigo Prof. Luiz Tavares Júnior, pela paciência e lucidez com que se entregou à leitura dos originais deste livro. Sobretudo pela competência e objetividade presentes no texto da introdução, que me enriquece o livro, e que, desde já, se torna motivo de justo orgulho para mim.

O autor agradece a valiosa colaboração das prezadas amigas professoras Maria Neusa Guedes Barros e Maria da Graça de Andrade Teixeira; como também da jovem estudante de arquitetura Ana Cecília de Andrade, a quem deve a gentileza do excelente projeto da capa, além de sugestões para a diagramação dos poemas.

F.C.



## POESIA MADURA

### I INTRODUÇÃO

**O Silêncio é uma Figura Geométrica**, última obra do Sr. Francisco Carvalho, vate maior de nossa terra, é uma epítome de sua poética.

Dividida em três partes, estende-se diante do leitor como um retábulo, com os componentes independentes, com tonalidades próprias, visões parciais, todavia, de uma totalidade manifesta por cores e traços que compõem uma poética forte, marcada por duas forças mestras – Eros e Tânatos, nas suas múltiplas e infindas variações, que, contudo, não preenchem todos os espaços da poesia, deixando frinchas para especulações de ordem metafísica, incursões pelos espaços da história, observações ligeiras sobre ciência, divagações sobre as agruras humanas, reflexões acerca do cotidiano das pessoas e das coisas, devaneios sobre a paisagem e elementos da natureza e, como nos lembra Ana Vlândia Mourão Aires, regresso ao mundo da infância e preocupação com a problemática social.

Iríamos muito longe, se nos dispuséssemos a uma demonstração minuciosa da temática e dos recursos formais que a revelam, arcabouço de sustentação do mundo de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**, um universo inesgotável de sugestões sobre a vida humana, sua grandeza e miséria; um quadro de dimensões amplas sobre os quatro elementos: terra, água, fogo e ar; sobre os animais da terra, sua natureza física e simbólica; sobre sua parcimônia no emprego das cores; sobre sua exuberância nas exteriorizações da sensualidade, sobre a absorvente preocupação com o tempo; sobre os dilemas do mito e os enigmas da História, aflorados nas personagens dos heróis e nas figuras citadas nas grandes epopéias, nos deuses e profetas das religiões, nos miseráveis de ontem e de hoje.

Matéria e instrumento do poema, a linguagem torna-se também objeto de reflexão e a palavra é examinada em suas potencialidades e em sua força estruturante do poema, em vários

momentos das três partes. Num conjunto de poemas, podemos perceber o diálogo estabelecido entre o poeta de **O Silêncio é uma Figura Geométrica** e outros criadores literários nacionais e estrangeiros.

## 2 EROS E TÂNATOS

Acima aludimos que Eros e Tânatos são duas linhas fulcrais, que percorrem a grande maioria dos poemas e lhes dão uma força de sustentação inegável. Logo no primeiro poema, o Eu lírico se diz “contemporâneo da morte” e, em **Elegia da Ponte dos Ingleses**, tem consciência de que “o caminho dos mortos não tem volta”.

“Contemporâneo da morte”, torna-se obsedante a preocupação com o tempo, núcleo ideológico, solidário ao tema da morte, que oferece ensejo e ocasião a constantes reflexões metafísicas sobre os novíssimos do homem, sobre o vazio da vida, sobre o tormento da fugacidade das coisas, sobre a ambição vã, sobre a vaidade vazia, enfim, sobre a perplexidade perante os quadros da natureza e a inutilidade dos esforços do homem.

“Quando os poetas morrem  
as suas almas fecham todas as portas  
e as metáforas se calam”. (p. 33)

“O tempo, esse adivinho,  
que semeia augúrios pelos caminhos.  
O tempo e seus heliantos de areia.  
Correnteza de orgasmos e acalantos.  
O tempo é uma onda que vai e volta.  
Metáfora da anaconda. (p. 46)

O poeta é um barqueiro sempre preparado com “os seus remos para a travessia da morte”, e por isso deve cantar “o que lhe der na telha”: a natureza, os animais, os produtos naturais, o vinho e também “as queixas e mágoas”, pois “A vida já é uma oferenda”. Ele “é um ser do espaço e do tempo”.

A morte, “qual Penélope”, eterna fiandeira, tece o destino do homem e ninguém escapa ao seu “gélido sorriso”; “deusa macabra, a morte é uma ladra”.

Inúmeras são as imagens, incontáveis as referências, múltiplas as figuras, variadas as alusões, constantes as recorrências ao mito e aos deuses, gnomos e fadas, que aludem à Morte, desdobram sua idéia e alargam sua semântica, a se derramar no significante de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**. Sem esforço, pode-se perceber a veracidade do que foi dito e a eloquência do que se calou.

Em contraposição a essa força negativa, ao princípio da Morte, o poeta ergue o princípio vital, nas celebrações de Eros, e confronta a alegria, o prazer, o sexo, as ardências, a luxúria, com a tristeza, com a dor, com a impotência, com as calmarias e com o desengano da carne e “só pensa na ração de prata do orgasmo”, fareja “o mênstruo das flores e o sangramento das orquídeas”, escala “os montes de relvas das namoradas” e sabe que “só o amor é necessário” (p. 52) e “que os instintos rugem como feras numa jaula (p. 62).

E Eros, como força criadora, como princípio de vida, como impulso sexual, é o segundo grande esteio de **O Silêncio é uma Figura geométrica**; à semelhança de Tântatos, a multiplicidade de símbolos, imagens, metáforas, índices, termos explícitos, dão sustentação a essa segunda viga mestra, que serve de fundamento ao edifício lírico dos poemas.

A figura da amada, os seios, as nádegas, o aroma, as carnes, povoam inúmeros poemas, ao lado de outros elementos que sopram vida, dão ânimo a coisas e seres, avivam a natureza, os homens, os animais, as aves e as plantas.

“O cio, o mênstruo, o orgasmo, os instintos”, o desejo pululam nos poemas, a nos lembrar que Eros, em seu esforço criador, é a fonte da Vida e do Prazer, em sua luta antagônica com Tântatos, princípio do aniquilamento e da dor, enfrentado com ímpeto, de modo a chegar, às vezes, às raias “da ira e do ranger de dentes”.

Poderíamos transcrever inúmeros termos, versos e poemas, incontáveis metáforas, que comprovassem nossas obser-

vações; escolhemos, todavia, apenas dois poemas, como registro de nosso dizer:

### **Orgia**

Na mesa os copos cheios  
de ira e ranger de dentes. As taças e  
espumas repletas de luxúria.

O vento acaricia os crespos  
pensamentos das samambaias.  
Pombas, os teus seios alçam vôo.  
Na mesa todos os sentidos dardejam.  
A música ergue seu pênis de cristal e trespassa  
as dobras de seda do cio das moças. (p. 66)

### **Noturno da Ponte Metálica**

Das ondas chega a noite  
filha da espuma atávica.  
Orgasmos brotam do vento  
e da ponte metálica.

As luzes dos navios  
rastejam sobre as águas.  
Seios que ainda arrulham  
como os filhos das aves

despencam dos vestidos  
com sedução felina.  
Nesse jardim de nádegas  
até o mar bolina.

Odor de fêmea e cio  
de conchas e mariscos  
semeia nas estranhas  
desejos infinitos.

Pairam sobre os amantes  
reflexos de alumínio.  
Nesse jardim de nádegas  
até o mar bolina. (p. 72)

### 3 METALINGUAGEM E INTERTEXTUALIDADE

Poderíamos, como afirmamos, prosseguir na exploração deste filão – Eros e Tântatos –, tão característico da poética de Francisco Carvalho, objeto até de uma dissertação de mestrado de Mailma de Sousa, por demorado espaço de tempo, em esclarecimentos e comprovação, através de análises de confissões explícitas, de disfarces e velamentos, ocultos em metáforas, mitos e exemplos históricos. Seria uma tarefa, embora iluminadora, desnecessária nas proporções deste trabalho. Vamo-nos voltar, agora, para dois outros aspectos igualmente sugestivos: a Metalinguagem e a Intertextualidade, nos poemas de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**.

Se Eros e Tântatos são dois veios temáticos basilares, a Metalinguagem e a Intertextualidade são dois procedimentos singulares na construção do conjunto de poemas ora submetidos à nossa dissecação.

Em uma soma de mais de uma dúzia de poemas, quase 10% do todo, o poeta submete sua concepção de poesia a uma auto-reflexão, tomando como ponto de partida a máxima mallarmeniana de que poesia se faz com palavras:

#### IX

O poema e suas lavras  
de utopia: o poema  
é uma orgia de palavras.  
Ramalhete de signos. (p. 47)

#### XI

A palavra é um corpo  
de luz que se move entre  
os arquétipos do mito.

A palavra é a pilastra  
das idéias. O núcleo  
da chama que se alastra. (p. 48)

### **Poder da Palavra**

Uma palavra  
basta  
para acordar  
os demônios  
que se hospedam  
no poema.  
Uma palavra  
basta  
para estancar  
as veias desatadas do poema.  
Uma palavra  
basta  
para ferir de morte o poema. (p. 53)

As palavras, princípio de vida e de morte do poema, fogem do poeta. “São ocas e vazias; à “ovelhas à procura da flauta do pastor”, são pássaros assustados, carregadas das entranhas da alma, “dos temporais da noite e do mar”, das vozes das ruas e das multidões, arrebatam-no.

O trabalho do poeta é semelhante à “Sina de Sísifo” (p. 79), em sua luta incessante e recorrente na busca da palavra, que lhe escapa e impõe a tarefa de recomeçar a procura “da palavra exata para dizer as coisas mais simples da vida”. (p. 79)

Já em “Cio do Ócio” (p. 79), temos um recurso metalingüístico *sui-generis* de explicação do poema; tomamos conhecimento da matéria informe, que preencherá o “oco e o vazio” das palavras, que “esculpem a face escarnekida do poema”. (p. 79)

Em “ARQUÉTIPO”, outra nuance metalingüística: a metodologia empregada:

“O poema feito com método e sob medida  
semelhante ao molde de um sapato.  
O poema exato na forma  
cada palavra em seu tempo e lugar  
tão preciso nos fundamentos de sua arquitetura  
que pareça o raiar do gume de uma faca”. (p. 84)

Semelhante à psicologia da composição cabralina, no poema não há lugar para inspiração, mas espaço para o trabalho do artesão (o sapateiro), para o exercício do arquiteto.

Em “Autismo” (p. 86) temos a exposição complementar da metodologia acima exposta; em “Dialética do Poema” (p. 90), “Teoria do Poema” (p. 91), se consorciam os dois procedimentos aludidos: o poema feito da palavra, sua placenta (Placenta, p. 121) e a metodologia do poema, de natureza felina:

“Tigre é o poema que se esconde  
na selva das palavras. Como qualquer fera  
o poema dardeja quando está no cio”. (p. 133)

Há, ainda, uma consideração importante a ser feita acerca da metalinguagem explicitada por Francisco Carvalho. Em dois poemas distintos, Soneto X, de Memória Rupestre (p. 113), e Parto do Verso (p. 147), acompanhamos outras considerações que revelam, complementarmente, a concepção de poesia esposada, em seus aspectos conteudísticos e formais, pelo autor de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**. Iremos transcrevê-los, sem comentários, para deixarmos o silêncio falar bem melhor que nossa fala:

## X

Um soneto sem rima e chave de ouro  
sem preceito, conceito ou preconceito  
sem lago azul, sem peixes metafísicos  
nem cisnes brancos de alvacentas plumas.  
Um soneto sem metro e dialética

sem pompa no compasso e na retórica  
sem os dilemas, sem os histerismos  
de um tempo embalsamado na memória.  
Um soneto irrigado pelo sangue  
da vida, pela música das coxas  
das moças, de seus corpos bailarinos.  
Um soneto vaiado pela plebe  
(tercetos e costelas fraturadas)  
exposto ao sol, completamente nu. (p. 113)

### **Parto do Verso**

Os versos vão despencando  
de minhas mãos peludas  
e logo trazem de volta  
o séquito de minhas dúvidas.

Parecem negras lagartas  
num canteiro de cenoura:  
devoram couves e alfaces  
e as calcinhas da pastora.

Jorram das fontes do corpo  
a qualquer hora do dia  
ou da noite. Em cativeiro,  
o verso também procria.

Às vezes se lambe todo  
ao jeito de um urso panda.  
Se tento domesticá-lo  
o verso salta de banda.

Rosa que brota da pedra  
planta de todos os climas.  
Quer chova, quer faça sol,  
quer sobre a aragem das rimas. (p. 147)

Outro aspecto a destacar, a Intertextualidade projeta luz esclarecedora sobre a poética de Francisco Carvalho. Como se sabe, um texto é o produto de textos anteriores; implicitamente, esse entrelaçamento é responsável pela inteligibilidade da linguagem secundária que é a Literatura. Não vamos, porém, cuidar da teoria da intertextualidade, mas sentir como se revela de maneira explícita no discurso de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**.

São títulos de poemas, são fragmentos de versos, são alusões veladas, mas bem perceptíveis de seu enraizamento, são termos e expressões usados, são nomes próprios citados, evocações da Bíblia, são mitos e passagens históricas registrados, que nos possibilitam o enquadramento do discurso de Francisco Carvalho na corrente do discurso poético, por aceitação de suas normas anteriores ou rebeldia a elas, por endosso ou desvio de seus conteúdos. Há índices de uma intertextualidade explícita, nos títulos de poemas, como Quase Ode ao Rei Davi (p. 102), Morte de Sócrates (p. 67) Sina de Sísifo (p. 79), Alegoria da Caverna (p. 91), Cantiga Medieval (p. 106), À Sombra de Hölderlin (p. 99).

Um diálogo aberto com a poesia de Camões – (Estavas, linda Inês, posta em sossego (p. 114), com a de Fernando Pessoa (Rascunho Apócrifo de FP. (p. 55), com a de Manuel Bandeira, nas evocações das canções do Beco, no confronto do Capibaribe/Jaguaribe; de Carlos Drummond de Andrade, em retomadas de poemas e temas do poeta mineiro (Mundo Pequeno, p. 155); uma conversa mais intensa com a poética de João Cabral, a ouvir-lhe os ensinamentos da “educação pela pedra”, cujas ressonâncias se fazem perceber em A Pedra e suas variáveis (p. 58), Variações sobre a Pedra (p. 94), Cacimba de Pedra (p. 96).

Com essas poucas e superficiais colocações sobre intertextualidade, queremos deixar clara a sólida formação cultural e poética de Francisco Carvalho, alicerçada na cultura clássica, nos grandes movimentos literários e nas lições dos mestres da criação poética estrangeira e nacional, alicerce indiscutível da natureza de sua poesia singular, diferenciada, produto de uma personalidade bem distinta em sua expressão estética, cujas revelação e exteriorização se estampam nos versos de **O Silêncio é uma Figura Geométrica**, síntese de sua poesia.

## 4 ASPECTOS SINGULARES

Uma leitura mais atenta de **O Silêncio é uma Figura Geométrica** põe em realce alguns aspectos, talvez menores, mas muito significativos e caracterizadores. Aludiremos a alguns e deixaremos muitos outros acobertados pela “figura geométrica do silêncio”.

Um aspecto é a preocupação com os quatro elementos: a terra, a água, o fogo e o ar, que lhe ensejam divagações em torno da Ciência e da Filosofia, alimentam sua memória rupestre e o erguem às culminâncias de um poeta cósmico.

Outro aspecto é a celebração dos animais, como tigres, leopardos, lobos, hipopótamos, como símbolos da força, da agressividade, da violência dos instintos, em suma, como símbolos da expansão de Eros. Outros animais evocados, como as ovelhas, cabras e bodes; vacas, touros e cavalos; rãs, sapos, lacraias, cobras-corais transportam o poeta ao mundo da infância, às reminiscências da casa paterna e dos antepassados, o religam às raízes do torrão natal, que dão sustentação à sua natureza de poeta telúrico. Tarântulas, anacondas, unicórnios, salamandras lembram tradição de enredamento, perfídia e mistério.

Outro fato singular é a preocupação com o vinho, continuamente lembrado, ora de maneira concreta, através do vinho do Porto (Vinho do Porto, p. 51), ora de modo geral, por intermédio de seu odor e de sua cor sanguinolenta, (p. 51) por seu poder embriagador, pelo uso nas celebrações, por sua ação desinibidora, numa palavra, por sua grande força simbólica, usado pelos deuses e pelos homens através dos tempos.

Um quarto elemento bem perceptível é o interesse pelo perfume, pelos odores, presentes nas amadas, nas flores e nas frutas, nas madeiras, no cedro ancestral e na imburana nordestina. Importa ressaltar a convivência lírica com a cidade que o acolheu; como flaneur, vagueia pelas praias, percorre as dunas do Mucuripe (Tardes do Mucuripe, p. 36); detém-se na ponte dos ingleses (Elegia da Ponte dos Ingleses, p. 31) e Noturno da Ponte Metálica, p. 72) recorda o velho farol (Noturno do Farol, p. 88); é-lhe, porém, indiferente e tedioso o bulício das ruas e a

modernidade dos edifícios; prefere a volta das jangadas, no cair da tarde, (Nau da Tarde, p. 131).

Chama-nos a atenção a parcimônia no uso das cores; os adjetivos, o branco e o preto aparecem duas vezes, cada um; o vermelho, talvez três vezes, cabendo destaque ao azul, sobretudo como metonímia do firmamento, possivelmente uma impressão inconsciente do azul celeste de nosso sertão.

Essa continência alarga-se ao uso do próprio adjetivo, parcimonioso, de sentido mais concreto, acrescentando à linguagem um tom comedido, a aproximá-la da sisudez da filosofia e da objetividade da ciência, sem jamais perder o lado poético, de aparência calma e tranqüila, verdadeiro antípoda do interior do eu lírico cheio de vida, povoado de agitadas preocupações metafísicas com a cosmogonia do mundo, com a gênese do homem e dos animais, abalado por pesadelos (p. 56) e demônios (p. 63), agitado pelas forças do cio das fêmeas, incendiado pelo fogo do sol e iluminado pelo clarão da lua e pela resplandecência do firmamento azul, inundado pelo aroma das plantas, impulsionado pelo ímpeto das marés, embalado pelo “virtus” rubro do vinho, povoado de fadas e gnomos, arrastado pelos tigres de Bengala e laqueado por salamandras e cobras-corais.

Outro aspecto singular relevante impõe-se: a preocupação com o social e com o cotidiano.

Em meio às divagações com a morte, o tempo, aos sobressaltos eróticos, surgem, aqui e ali, fragmentos ou poemas inteiros de temática social, em que figuram tipos populares, de inspiração lírica, como a lavadeira (p. 40), ou os marcados pela penúria, pela miséria, como o bóia-fria (Réquiem Para um Bóia-fria, p. 125):

Teu corpo desidratado  
mordido pela cobra  
pelo dragão da fome  
e pela tuberculose.  
A bem da verdade  
não precisa de cova.

Como os garis das rampas de lixo (Meninos, p. 74):

### **Meninos**

Os meninos  
chegaram inesperadamente  
das rampas de lixo  
com os rostos  
lanhados  
de cacos de vidro  
quando lhes  
disse que só me restava  
um naco de sonho  
para oferecer-lhes, eles  
ainda tiveram  
força para zombar de mim.

Como os excluídos de Hora Negra (p. 161):

Os gritos dos excluídos  
esbarram de encontro às paredes  
porque a hora é negra.

Como os atingidos pelas Balas Perdidas (p. 162):

.....  
Balas perdidas que se hospedam  
nas vértebras de um grito.

Como os expulsos da terra “que semearam”. (A Terra é dos Mortos. p. 167).

O cotidiano, com suas coisas miúdas, desperta igualmente o interesse; atos de burocrata, afazeres de dona de casa, tarefas do dia-a-dia são motivos de consideração, problematizados em versos ou em poemas inteiros como Assim Caminha a Humanidade (p. 139), Canção do Beco sem Saída (p. 142), Coisas da Moda (p. 145)” Filé com Batatas Fritas (p. 153 ), enfim:

A vida e seus dilemas  
é que dão sabor e aroma  
aos nossos poemas. (IV, p. 44)

Afinal, como último aspecto singular a registrar, gostaríamos de ressaltar que **O Silêncio é uma Figura Geométrica** se exterioriza nas formas de sonetos hieráticos, parnasianos e de sonetos modernizados, de estrutura leve, ora com rimas só nos tercetos, ora com ausência dessas consonâncias sonoras na totalidade dos quatorze versos, desvinculados da austera chave de ouro.

Embala-se na solenidade das odes, plange nas elegias, sombreia-se nos noturnos e alarga-se nos duetos, numa pauta musical, que de longe lembra o formalismo clássico dessas estruturas poéticas.

Incursiona, igualmente, na “libertinagem da poesia concreta” (p. 148) e de atualíssimas expressões da poesia de nossos dias; diverte-se no malabarismo de poemas lúdicos, distila ironia e humor (p. 157), quando se serve de elementos da linguagem popular, em expressões da gíria e de frases feitas, em clara oposição à linguagem solene, clássica dominante, já que ninguém é de ferro, com intuito de “espírito de porco” (p. 51), e sempre que lhe “der na telha” (p. 34), sem temor de descambar “pro beleléu” (p. 139), disposto a enfrentar “cobras e lagartos” (p. 124), “quer chova quer faça sol” (p. 147).

## 5 O DOMADOR DE RELÂMPAGOS

Já aludimos que **O Silêncio é uma Figura Geométrica** se compõe de três seções, com os seguintes títulos: Primeira Parte – Domador de Relâmpagos; 2ª Parte – Hóspede do Tempo; 3ª Parte – Duetto para Cobras e Lagartos.

O curioso é que o poema – Domador de Relâmpagos encontra-se na segunda parte e não na primeira, que o tem como título. Assim posto, na prancha do meio, nos pareceu muito significativo, a espriar-se na sua confirmação metafórica na totali-

dade do retábulo, derramando-se sobre as três partes, pois surge na primeira, como título; na segunda, no desejo de um poema (p. ), na terceira, num cotejo com variadíssimos outros fatores (Cobrador de Impostos, p. 152), impondo-se como um símbolo do eu lírico, autêntico domador de relâmpagos, a impor-se sobre a fúria dos quatro elementos, a domar o ímpeto de Eros, a sobrepor-se à insídia de Tânetos, a controlar a criação do poema sob o influxo da palavra. O poeta seria, pois, o domador de relâmpagos, o artifice de uma poesia erguida sobre essa base múltipla, em que se assenta **O Silêncio é uma Figura Geométrica**.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de **O Silêncio é uma Figura Geométrica** nos leva a um longo passeio pela História, pela civilização ocidental, das Pirâmides do Egito, dos Jardins Suspensos da Babilônia, das muralhas de Jerusalém, do templo de Salomão, dos pináculos do Partenon, dos arcos do Fórum romano, das torres góticas das catedrais medievais, dos palácios renascentistas, da armadura de ferro da torre Eiffel, do casario colonial, dos profetas do Aleijadinho, às jangadas nordestinas, aos edifícios esplendorosos das grandes metrópoles hodiernas, às planícies secas do vale do Jaguaribe, ao pátio da igreja paroquial da vila de São Bernardo das Éguas Russas, ao birô do burocrata, à planura das coisas miúdas do dia-a-dia, tudo isso permeado pelas preocupações com a vida, a morte, o tempo, o ser e a natureza, em seus atributos essenciais e acidentais.

Esses conteúdos são revelados por uma linguagem hierática, em certos momentos, popular e irônica, sem se afastar de uma tonalidade clássica, em perfeita adequação entre fundo e forma: termos e expressões apropriados a reflexões filosóficas; vocábulos e sentenças, portadores de carregado erotismo; palavras e frases de indisfarçável ludismo.

A tônica predominante, porém, é a de uma linguagem liberta de cânones (Cânones, p. 42), com poemas livres, versos soltos, identificados apenas pelo espaço preenchido de uma linha.

Mesmo fôrmas, como o Soneto, a Ode, a Canção afastam-se da rigidez dos preceptistas. O poeta arroga-se o direito de dar à sua poesia a forma que “lhe der na telha”, cômscio de seu ofício, lapidado ao longo de meio século de exercício e no convívio dos mestres construtores da poesia nacional e estrangeira.

Outra faceta indiscutível é que **O Silêncio é uma Figura Geométrica** resume, em seus versos e formas, motivos e símbolos, procedimentos formais e formalizações temáticas, o universo poético de Francisco Carvalho, de *Cristal da Memória* (1955) *A Concha e o Rumor* (2000), revelando-se uma sùmula de sua trajetória de “domador de relâmpagos”.

**Prof. Luiz Tavares Júnior**

## Bibliografia

- AIRES, Ana Vlândia Mourão: Três dimensões da poética de Francisco Carvalho. Fortaleza, Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1996.
- AZEVEDO, Sânzio de. Francisco Carvalho. In: Literatura Cearense. Fortaleza, Academia Cearense de Letras, p. 153-528. 1976.
- BATAILLE, Georges. L'Erotisme. Paris, Les Editions de Minuit. 1957.
- CAMPOS, Haroldo. Metalinguagem. Rio, Vozes, 1967.
- CARVALHO, Francisco: varias obras, principalmente O Silêncio é uma Figura Geométrica; texto preparado para publicação.
- KRISTEVA, Julia. Recherches pour une semanalyse. Paris, Editons du Seuil, 1969.
- LANDIM, Teoberto. Francisco Carvalho: Modernidade sem Modernismos. In: Trocando em Miúdos. Fortaleza. Secretaria de Cultura e Desporto. p. 137-144.1985.
- NASCIMENTO, F. S. Francisco Carvalho: o soneto shakespeariano. In: Apologia de Augusto dos Anjos e outros estudos. Fortaleza, Casa de José de Alencar/UFC, 1990. p. 101-108.
- POÉTIQUE. Intertextualidades. Coimbra Livraria Almedina, 1979.
- SOUSA, Mailma de. Francisco Carvalho: Uma Poesia de Tântos e de Eros. Fortaleza, Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 2000.
- \_\_\_\_\_. Francisco Carvalho: O substrato da quaderna. Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 2001.
- TELES, Gilberto Mendonça. A Retórica do silêncio. São Paulo: Cultrix/INL. 1979.

## SUMÁRIO

POESIA MADURA, ix

PRIMEIRA PARTE

**DOMADOR DE RELÂMPAGOS**

Não sou um robô, 29 ▪ Convite para morrer, 30 ▪ Elegia da ponte dos ingleses, 31 ▪ Pomar alheio, 32 ▪ Mistério dos rios, 32 ▪ Poetas mortos, 33 ▪ Sapatos, 34 ▪ Cante o que lhe der na telha, 34 ▪ Oferenda, 35 ▪ Cinzas, 35 ▪ Tardes do Mucuripe, 36 ▪ Enquanto as vacas pastam, 37 ▪ Condição humana, 38 ▪ Olhar além da mesa, 38 ▪ A volta, 39 ▪ Lavadeira, 40 ▪ Soneto do carrossel, 41 ▪ Cânones, 42 ▪ Quixote, 42 ▪ Divagações dum anterozóide, 43 ▪ Soneto Circular, 49 ▪ Poema das mãos, 50 ▪ Vinho do Porto, 51 ▪ Calafrio, 51 ▪ Tarde demais, 52 ▪ Olhos que te procuram, 52 ▪ Poder da palavra, 53 ▪ Azulejo mourisco, 53 ▪ A morte é uma ladra, 54 ▪ Rascunho apócrifo de FP, 55 ▪ Pesadelo, 56 ▪ Decomposição, 56 ▪ A insônia é um corvo, 57 ▪ Diagnóstico, 57 ▪ A pedra e suas variáveis, 58 ▪ Urzes do amor, 59 ▪ Sete fotografias, 60 ▪ Carrego a noite, 61 ▪ Testemunho, 61 ▪ Cobra-coral, 62 ▪ O silêncio é uma figura geométrica, 62 ▪ Os demônios, 63 ▪ Coisas, 63 ▪ Ouro do dia, 64 ▪ O dia passeia em meu quarto, 64 ▪ Palavras e andorinhas, 65 ▪ Orgia, 66 ▪ Holocausto, 66 ▪ Morte de Sócrates, 67 ▪ Noturno da catedral, 68 ▪ Soneto odorífero, 69 ▪ Noturno do beco, 70 ▪ Noturno das casas, 71 ▪ Noturno da ponte metálica, 72 ▪ O bêbado de Deus, 73 ▪ Disfarce, 74 ▪ Meninos, 74

SEGUNDA PARTE

**HÓSPEDE DO TEMPO**

Rascunho de Ouro Preto, 77 ▪ Morte do peixe, 78 ▪ Sina de Sísifo, 79 ▪ Cio do ócio, 79 ▪ O tempo e os cínicos, 80 ▪ Donos da terra, 80 ▪ Sombras da terra, 81 ▪ Casa sonhada, 82 ▪ Menino antigo, 83 ▪ Arquétipo, 84 ▪ Dois rios, 85 ▪ Autismo, 86 ▪ Soneto do casarão, 87 ▪ Hóspede do tempo, 88 ▪ Noturno do farol, 88 ▪ Arroio arcaico, 89 ▪ Dialética do poema, 90 ▪ Sugestões de abril, 90 ▪ Teoria do poema, 91 ▪ Alegoria da caverna, 91 ▪ Cachorro no cio, 92 ▪ Metamorfose, 92 ▪ Vestígios da rosa, 93 ▪ Ideogramas, 93

▪ Variações sobre a pedra, 94 ▪ A tarde chega com os pássaros, 95  
▪ Ao cair da tarde..., 95 ▪ Cacimba de pedra, 96 ▪ Exílio, 96 ▪  
Milonga da serpente, 97 ▪ Súplica barroca, 98 ▪ À sombra de  
Hölderlin, 99 ▪ Hora de não dizer adeus, 100 ▪ Som de clarinete, 101  
▪ Quase ode ao rei Davi, 102 ▪ Torso da sombra, 103 ▪ Soltos  
nas esferas, 103 ▪ Domador de relâmpagos, 104 ▪ Devo um  
galo, 105 ▪ Cantiga medieval, 106 ▪ Era domingo, 107 ▪ Ode  
aos uivos do amor, 108 ▪ Memória rupestre, 109 ▪ Ode triunfal, 114  
▪ Catedral, 115 ▪ Dúvida, 115 ▪ Nuvem e sombra, 116 ▪ Modus vivendi,  
116 ▪ Folha, 117 ▪ O sol cai de rijo, 117 ▪ Soneto cósmico, 118

### TERCEIRA PARTE

#### DUETO PARA COBRAS E LAGARTOS

Placenta, 121 ▪ Vaticínio, 122 ▪ Mechas e espigas, 122 ▪ Três  
epitáfios, 123 ▪ Dueto para cobras e lagartos, 124 ▪ Réquiem  
para um bóia-fria, 125 ▪ Banquete, 126 ▪ Déspotas, 126 ▪ Só o  
amor vale a pena, 126 ▪ Rascunhos para uma lápide, 127 ▪  
Nuvens, gansos e cavalos, 128 ▪ Sendas da alma, 129 ▪ Profetas  
da aurora, 129 ▪ Anatomia do gato, 130 ▪ Vergonha, 130 ▪ Nau  
da tarde, 131 ▪ Expulso do tempo, 132 ▪ Poema felino, 133 ▪ Cemitério  
azul, 133 ▪ Discurso fúnebre, 134 ▪ Flautas de capim, 134 ▪ Quixote  
e o ciclope, 135 ▪ Idade da chuva, 136 ▪ Panorama visto da rua, 136  
▪ O vento não sabe que existo, 137 ▪ Dia/gonal, 138 ▪ Assim  
caminha a humanidade, 139 ▪ Vale de Josafá, 140 ▪ Cavalo  
atômico, 141 ▪ Canção do beco sem saída, 142 ▪ Tríduo, 143 ▪ Um  
pouco de tudo, 144 ▪ Coisas da moda, 145 ▪ Tábuas podres, 146 ▪  
Cépiea e azul, 146 ▪ Parto do verso, 147 ▪ Harmonia, 148 ▪  
Nuvens, 148 ▪ Travessia, 149 ▪ Palavras mudam de cor, 149 ▪  
Cisco no olho, 150 ▪ Liberdade, 151 ▪ Cabeça de espantalho, 151  
▪ Cobrador de impostos, 152 ▪ Filé com batatas fritas, 153 ▪  
Poesia & burocracia, 154 ▪ Mundo pequeno, 155 ▪ Natal  
globalizado, 156 ▪ UTI, 157 ▪ Canção da estrada, 158 ▪ Roma, 159 ▪  
Passarinho, 159 ▪ Canção da pedra de Itabira, 160 ▪ Hora negra, 161  
▪ Balas perdidas, 162 ▪ Zona cinzenta, 162 ▪ Estudo, 163 ▪  
Simetria do caos, 164 ▪ Deselogio da mentira, 165 ▪ Sina de  
poeta, 165 ▪ Hienas comem folhas verdes, 166 ▪ Núpcias, 167 ▪  
A terra é dos mortos, 167 ▪

PRIMEIRA PARTE

# DOMADOR DE RELÂMPAGOS

Famoso ator alemão costumava enxertar improvisos nos textos das peças. A direção do Teatro de Berlim o proibiu de continuar fazendo tais improvisos. Pouco depois, teve de aparecer no palco montado num cavalo. Nesse exato momento, o cavalo portou-se de maneira absolutamente imprópria para se apresentar em público, provocando gargalhadas na platéia. O famoso ator repreendeu severamente o cavalo: *“Você não sabe que estamos proibidos de improvisar?”*

*(Anekdota atribuída a Schopenhauer).*



## NÃO SOU UM ROBÔ

Não sou um robô  
sou um aglomerado de moléculas  
e nervos e sensações.  
Mas isso não me confere o direito  
de zombar da cauda do primata  
e de seus vícios tribais.

Sou unidade na diversidade  
santuário de desejos antagônicos.  
A cada minuto sinto que estou esvaziando  
a taça de areia do tempo. Logo  
serei um fragmento de escória expulso  
das entranhas do mar.

Não sou um robô  
sou uma constelação de átomos e células  
em permanente atrito  
sou água e fogo, pedra e mineral  
dinâmica, imobilidade, evasão, recusa  
do tempo, contemporâneo da morte.

## CONVITE PARA MORRER

Chega um tempo em que nos convidam para morrer e achamos tudo muito natural.

Não reagimos, não protestamos, nossas bocas repletas de palavras pornográficas.

Burocratas movem-se lentamente entre epitáfios de um cemitério de computadores.

Eles piscam nervosamente e nos adivinham com as suas retinas de faunos que despedaçam as fotografias nas paredes.

Chega um tempo em que não percebemos as mutações do corpo, a mecânica das pernas e dos braços, o sabor do café, o aroma corrosivo da vodca, a lentidão das idéias o amargor da boca, a acidez da alma.

Chega um tempo em que nos convidam para morrer como se a morte fosse uma viagem de núpcias num transatlântico de luxo.

## ELEGIA DA PONTE DOS INGLESES

Ó Ponte dos Ingleses, a ferrugem  
e o ácido das ondas não apagam  
teu fanal de sentinela das noites  
dilaceradas pelo clarão dos navios.

Em teu corpo há vestígios de afogados,  
cicatrizes de lágrimas e adeuses.  
Amantes e suicidas te procuram  
no entardecer sangrento das papoulas.

Ponte metálica. Ponte de ferro  
no cio. Ponte ancorada no horizonte.  
Um deus te guarda à sombra dos coqueiros.

Ponte dos que partiram. Dos que sabem,  
pelo pulsar do augúrio em nosso peito,  
que o caminho dos mortos não tem volta.

## POMAR ALHEIO

Sempre haverá  
uma voz  
que te chama  
de onde o prodígio  
não veio.  
Um movimento que  
se repete  
um gesto que procura  
imitar o vôo  
do pássaro do seio.  
Sempre haverá  
alguém querendo desfrutar  
a sombra da árvore  
do pomar alheio.

## MISTÉRIO DOS RIOS

O mistério  
dos rios  
é que eles passam  
por dentro  
de nós  
e só depois  
deságuam no mar.

## II

Em noites de lua  
e de augúrios  
de ventos  
e lobos que uivam  
de passos e pássaros  
que espreitam  
os rios pastoreiam  
as almas dos afogados.

### POETAS MORTOS

Quando os poetas morrem  
os seus versos os acompanham.  
Tudo será esquecido  
ninguém mais se lembrará do nome  
dos mortos e dos poemas.  
O vento os apagará da face da terra  
a lua os fitará com desdém  
a chuva cobrirá de limo os seus epitáfios.  
Quando os poetas morrem  
as suas almas fecham todas as portas  
e as metáforas se calam.

## SAPATOS

Num canto escuro do quarto  
os sapatos amarrotados  
cobertos de pó e pela mortalha  
senil das teias de aranha.  
Vejo marcas de sangue que restaram  
das volúveis caminhadas  
pelas esquinas do sonho e do amor.  
Eles estão ali à espera de mim  
como um barco que prepara os seus remos  
para a travessia da morte.

## CANTE O QUE LHE DER NA TELHA

Cante o que lhe der na telha  
a lã do ventre da amada  
e o cio de sua orelha  
cante a rosa no caule  
e sua plumagem vermelha  
o seio da lua nova  
e o galope da parelha  
cante o cheiro de resina  
dos esporões da abelha  
o claro clarim dos galos  
e o jorro azul da centelha  
cante o som de veludo  
do vinho na botelha  
queixas e mágoas do arroio  
que mata a sede da ovelha.

## OFERENDA

Não exigir muito da vida  
nem das pessoas  
do orgasmo ou da lenda  
deixar o mito arder  
no que restou das cinzas de Tróia  
deixar o tempo passar  
pelos furos da metafísica  
não exigir do amor  
que a luxúria deixe a sua nódoa  
de espuma em todas  
as reminiscências dos espelhos.  
A vida já é uma oferenda.

## CINZAS

Algum dia estaremos  
entre estátuas e pensamentos imóveis.  
A dinâmica do azul  
rolará sobre as nossas cabeças  
coroadas de limo.  
Algum dia os vagidos da matéria  
serão decepados pelo vento.  
O que restar das cinzas da ressurreição.

## TARDES DO MUCURIPE

Tardes do Mucuripe. Os coqueiros  
sacodem ao vento as folhas vertebradas.  
Gatos e cães farejam barbatanas,  
restos de entranhas e de peixes podres.

Raios de sol dardejам sobre as dunas.  
Meninos nus projetam sombras magras  
na areia. De longe, o clamor de um surdo  
me recorda os tambores de Ravel.

A noite, deusa egípcia, expulsa o dia.  
As ondas como que se calam. Fazem  
rendas de espuma para noivas mortas.

Ao luar das lâmpadas de mercúrio,  
o Mucuripe é senha para o amor  
e a volúpia das vagas dançarinas.

## ENQUANTO AS VACAS PASTAM

Enquanto as vacas  
pastam na relva  
escrevo poemas  
que ninguém lê  
e serão degustados  
pelo cupim.

Enquanto as vacas  
bebem no rio  
imagino coisas  
que vão acontecendo  
e logo desaparecem  
sob os olhos das Plêiades.

Enquanto os bezerros  
faz tempo que não mamam  
enquanto as vacas  
filosoficamente  
mijam na grama  
os brutos também amam.

Enquanto as vacas  
sonham no pasto  
com a faca amolada  
e o cio dos touros  
escrevo epitáfios  
para os besouros.

## CONDIÇÃO HUMANA

Todos somos contemporâneos dos rios  
ligados à placenta do mar  
galopamos num cavalo de areia  
ou na égua da noite ártica.  
Todos cultivamos a erva daninha  
dos nossos vícios tribais  
todos escondemos as nossas taras  
no subsolo da memória.  
Todos escrevemos epitáfios  
na argila dos minutos.  
Todos nos rendemos à sedução  
das taças de ópio do amor.  
Todos somos loucos ou barrocos.

## OLHAR ALÉM DA MESA

Não é a mesa que eu vejo  
sob a toalha de linho  
onde os vinhos arrulham em taças  
de cristal.  
Vejo uma árvore esgalhada no topo da montanha  
de braços abertos  
acariciada pelo vento e os pássaros.  
Marcas do tempo e das fúrias do céu nas cicatrizes  
do caule, o sangue a escorrer das cinco  
chagas do lenho e dos estigmas dos mártires.

## A VOLTA

Um chuvisco inesperado desenhava  
alegorias no ar quando  
ele voltou do solar dos espantos.

Tinha marcas, na face, de flechas  
e adagas, mas o rosto sereno  
dissimulava o odor da morte.

Seu olhar percorria os móveis  
do tempo em que ele semeava  
o trigo da luxúria nos lençóis.

Reconheceu cada objeto e lugar  
da casa. Até mesmo o cheiro  
de cio e forragem dos estábulos.

Cheiro de suor e feno nos quartos  
e nas salas, onde ainda se ouvia  
a respiração dos cavalos.

Mogno dissoluto, a cama ainda  
estava ali: almofadas  
e o dossel salpicado de orgasmo.

A antiga pêndula jazia na parede,  
silenciosa, como se recordasse  
cada minuto da eternidade.

## LAVADEIRA

A lavadeira  
apaga as nódoas do pecado  
com espuma de sabão.  
Lava o orgasmo  
das roupas  
o sangue dos lençóis de linho  
as lágrimas dos rios  
e dos peixes.  
Só não apaga o aroma  
de vinho  
dos seios da amada.

A lavadeira  
lava o mênstruo das águas  
o vômito do rio  
o cio da rãs  
e a luxúria dos sapos.  
Apaga a memória  
deixada pelos rios nas retinas  
dos afogados.  
Só não apaga a chama  
que incendeia  
as relvas da amada.

## SONETO DO CARROSSEL

Viu a tarde cair do seu trapézio  
numa chuva de raios. (Outras tardes  
virão, enquanto os homens pastoreiam  
deusas de espuma e orquídeas amarelas.)

Viu o séquito da aurora. Os cardumes  
dos astros nas esferas. A mentira  
cavando os alicerces do seu reino.  
E o vento arder na pira dos andróides.

Tudo isso ele viu e já sabia  
que a roda da fortuna é um carrossel  
onde as sombras dos mortos se repetem,

e a ronda dos cavalos, a intervalos.  
Só não sabia que no espaço em chamas  
o homem é a caverna de si mesmo.

## CÂNONES

Os críticos falam muito de cânones  
de arquétipos  
de estereótipos  
de formas padronizadas  
de esquemas rígidos  
de estruturas fossilizadas  
de regras ortodoxas.  
Falam, sobretudo, de cânones.  
Mas o que são cânones?  
Eu não tenho medo de cânones.  
Tenho medo de canhões e de cães  
de todas as raças e linhagens.  
Dos vira-latas aos pitbus.  
Principalmente dos que usam óculos de grau.

## QUIXOTE

A magreza do cavalo  
do teu corpo e da espada  
destoava de tuas apoteoses verbais.  
Ó fidalgo da triste figura  
tu semeavas o trigo do riso  
em tuas misteriosas cavalgadas por  
moinhos de vento e madrugadas de sangue.  
Eras a alma ensolarada da Espanha  
dilacerada pelos gemidos  
dos touros e das guitarras dos mouros.

## DIVAGAÇÕES DUM ANTEROZÓIDE

Cego diamante  
o tempo é a foice da lua  
em quarto minguante.  
Meu olho de navegante  
e o purgatório de espumas  
que se ergue adiante.  
O homem é um viajante  
das galáxias. O cometa  
de cauda menos brilhante.  
Vivi cada instante  
para aprender que a vida  
não dura o bastante.

## II

Ovelhas e bodes  
pastam indiferentes  
às nossas odes.  
A ode mais perfeita  
não vale a metafísica  
da cauda de um gameta.  
Polir os bigodes  
mais agrada às amadas  
do que nossas odes.  
As odes de Anacreonte  
passaram. Como os rios  
debaixo de uma ponte.

### III

Bardos e moscardos  
vossas asas de areia  
pesam mais do que fardos.  
Entre rosas e acordes  
rolaram as cabeças  
de alguns reis e milordes.  
Todos somos bastardos:  
descendemos dos primatas  
ou dos leopardos.  
De noite os gatos são **bardos**.  
Mas nem todos fingem  
que são pardos.

### IV

A vida e os seus dilemas  
é que dão sabor e aroma  
aos nossos poemas.  
Mais vale a paz dos cimos  
do que a epopéia  
dos nossos desatinos.  
Melhor cantar uma jóia  
falsa do que as fogueiras  
do incêndio de Tróia.  
Celebrar o veludo  
dos montes da amada  
do que as cinzas do entrudo.

## V

Poeta contemplativo  
a vida não é um brinde  
às núpcias do teu umbigo.  
Nossas rimas políglotas  
nada sabem do zodíaco  
e das rotas das gaivotas.  
Quebra, se for preciso,  
o espelho em que flutua  
teu rosto de Narciso.  
Os côncavos e convexos  
da amada vão às ágoras  
zombar dos nossos versos.

## VI

A ponta da asa  
do mistério passeia  
pelos cômodos da casa.  
Enquanto dormes  
galopam sobre o teu corpo  
manadas de unicórnios.  
Cai a noite antiga.  
A lua põe seus ovos de prata  
no alto da cornija.  
Tudo agora se cala  
para escutar as corujas  
rasgando mortalhas.

## VII

O tempo , esse adivinho  
que semeia augúrios  
pelos caminhos.  
O tempo e seus heliantos  
de areia. Correnteza  
de orgasmos e acalantos.  
O tempo é esse invento  
dos deuses. Romaria  
de ausências ao relento.  
O tempo é uma onda  
que vai e volta.  
Metáfora da anaconda.

## VIII

Deus é algo incandescente.  
Sou cria do espantalho  
esse fauno de palha.  
Deus é o centro de todas  
as simetrias do universo  
e de suas abóbadas.  
Deus é o que trespassa  
o corpo e seus labirintos.  
O vértice do átomo.  
Deus é o átomo.  
O princípio de todas  
as velocidades da alma

## IX

O poema e suas lavras  
de utopia: o poema  
é uma orgia de palavras.  
Ramalhete de signos.  
Bolina os seios da amada  
com os seu olhos malignos.  
Do alto de um teorema  
um demônio contempla  
a nudez do poema.  
O tempo é um rio inerte  
que deságua no poema.  
O poema é o que verte.

## X

O homem muda de rosto  
e enfeitiça as donzelas  
com os seus olhos de boto.  
Vem de um tempo remoto  
mas não perde a volúpia  
nem o tesão do boto.  
Tem fama de douto  
massacra os da espécie  
com flechas de perdigoto.  
Produto do zigoto  
o homem sobe à lua  
ou mergulha no esgoto.

## XI

A palavra é um corpo  
de luz que se move entre  
os arquétipos do mito.  
É a voz que se anuncia.  
O augúrio do corvo. A trama  
dilacerada da utopia.  
A palavra é a pilastra  
das idéias. O núcleo  
da chama que se alastra.  
É o sangue da alba  
que escorre da infância  
para o seio da lauda.

## XII

A palavra é o caminho  
para o enigma da porta.  
Taça que transborda  
sobre as veias do linho.  
Labareda que se enrosca  
nos gestos do adivinho.  
A palavra nos lábios  
e o vinho que ressoa  
nas cordas dos adágios.  
A palavra é uma adaga  
que trespassa todas  
as ausências da alma.

## SONETO CIRCULAR

Estes olhos que a terra há de comer  
estes braços erguidos para a súplica  
estas pernas que partem mas não voltam  
e estas mãos que se guardam para o adeus.

Estas veias que pulsam e as artérias  
que irrigam montes e os trigais do amor.  
Esta chama que arrulha em nosso peito  
e este punhal cravado na memória.

Este adágio do verbo que ressoa  
nas frinchas das paredes, nas aldrabas  
das portas, e a canção que dilacera

as cordas das guitarras, e esse rosto  
que me persegue dentro das retinas  
dos meus olhos, que a terra há de comer.

## POEMA DAS MÃOS

Para Adélia Prado

As mãos de Adélia Prado  
tecem palavras e parábolas.  
São como raízes de uma árvore que reverdece  
quando tocada pela carícia  
das primeiras chuvas.

Mãos enérgicas como as dos ceifadores  
de espigas maduras.  
Mãos que recordam os aromas do tempo  
da colheita dos pêssegos.  
Os pergaminhos onde se escreveram as primeiras  
revelações dos profetas, os clarões  
do verbo, onde o espírito arde e permanece.

Mãos robustas dos que podam os brotos das vinhas  
dos que desbravam caminhos  
dos que semeiam o trigo da esperança  
dos que celebram as epifanias das madrugadas  
das que lavam roupas e rezam  
pelas almas dos que se afogaram nos rios.

Mãos de poeta que na mais densa treva  
vai à procura do fragmento  
em que se contém a plenitude do eterno.

## VINHO DO PORTO

Vinho do Porto  
para o que  
vem da horta  
e vai para o horto.  
Para o que  
(sendo direito)  
já nasce torto  
para as núpcias  
da alma e do corpo.  
Vinho do Porto  
para sair do  
espírito de porco.  
Até para as  
orgias do morto.

## CALAFRIO

O amor  
é um calafrio  
que nos percorre  
o corpo  
e vai desaguar  
na foz  
de um secreto rio.

## TARDE DEMAIS

Meu coração está cheio de reticências  
de espaços e salas vazias.

O vento escreve epitáfios em todas  
as janelas do meu exílio.

As pessoas que encontro nas ruas  
tiveram sonhos reais  
semearam monumentos e árvores  
nos desertos da memória.

Era tarde demais  
quando os adivinhos me disseram  
que só o amor é necessário.

## OLHOS QUE TE PROCURAM

As velas que vêm do mar  
o regato escondido nas pedras  
e os olhos das raízes te procuram.

A romaria das nuvens dançarinas  
a vertigem das asas no azul  
e os olhos da ausência te procuram.

A noite debruçada nos gumes das escarpas  
os lírios e delírios das marés  
e os olhos dos espinhos te procuram.

As pombas que põem os seus ovos  
de mel no alto das cornijas  
e os olhos da eternidade te procuram.

## PODER DA PALAVRA

Uma palavra  
basta  
para acordar os  
demônios  
que se hospedam  
no poema.

Uma palavra  
basta  
para estancar  
as veias desatadas  
do poema.

Uma palavra  
basta  
para ferir de morte o poema.

## AZULEJO MOURISCO

Quixote. O cavalo.  
As vértebras expostas.  
O riso na ponta da espada.  
O vento. Os moinhos. Rocinante  
e o jumento. A pastora Marcela e seus  
namorados. A fidalguia  
reinventando os mitos do amor.  
A Espanha e seus entardeceres mágicos.  
Obeliscos de sangue. Fantasmas  
debruçados nas ameias.  
Os lindes. As lendas. Os aloendros.

## A MORTE É UMA LADRA

Uma esfinge de areia  
em figura de cabra.  
Cadela no cio  
a morte é uma ladra.

Vaga pelos caminhos  
essa deusa macabra.  
O seu nariz de foice  
lembra o perfil de um sabre.

Feche todas as portas  
e janelas. Não abra  
nem mesmo para o vento.  
A morte é uma ladra.

Ponha ferrolho de aço.  
A mais sólida aldraba  
na porta do lumiar.  
A morte é uma ladra.

## RASCUNHO APÓCRIFO DE FP

Ó mar de Portugal  
quanto do teu sal  
me fez perder o ritmo  
da pressão arterial!

Ó mar de Cabral  
um pouco do teu sal  
entope as minhas veias  
de poeta municipal.

Ó mar das caravelas  
e do Santo Graal.  
A vida é um epitáfio  
de lágrimas de sal.

Ó mar do ilustre Gama  
ergue o teu fanal  
sobre as sombras barbudas  
dos reis de Portugal.

## PESADELO

Enquanto dormes, seres e objetos alados  
desabam sobre o teu corpo, mergulhado num pântano  
de inércia. Fragmentos de cauda de cometas  
vão-se acumulando nos teus olhos e nos ouvidos.  
Os arranha-céus escutam tua respiração  
de cardíaco e a tosse obstinada de asmático.  
Mãos invisíveis removem o sangue da hemoptise.  
O universo vira de cabeça para baixo.  
A rotação da terra muda bruscamente de ritmo.  
Enquanto dormes, os cavalos da morte  
galopam velozmente nos prados dos lençóis.

## DECOMPOSIÇÃO

Tudo se gasta aos olhos do relento.  
A pedra e o rosto dos homens não resistem  
à corrosão do tempo e das marés.  
As quilhas de aço dos navios são trituradas  
pela matilha das espumas e o salitre dos temporais.  
Até a alma vai secando lentamente dentro  
do corpo, se consumindo feito o gume duma faca  
amolada. Tudo se gasta, menos a lembrança  
da amada que dormiu em tua cama  
e deixou nos lençóis o cheiro de cedro do seu corpo.

## A INSÔNIA É UM CORVO

O corvo da insônia te visita todas as noites  
com a pontualidade de um cão  
que volta para os afagos do seu dono.  
Longas são as noites e o galopar alucinado  
dos barbitúricos. Pálpebras de chumbo são conchas  
de um molusco que esmagam tuas pupilas.  
Dardos de mercúrio perfuram a luminosidade  
de tuas retinas. O último dos anjos foragidos do céu  
te arrebatava num cavalo negro, no exato  
momento em que se fecham as cortinas do dia.

## DIAGNÓSTICO

Vais ao médico e confessas a ele as tuas aflições  
mais íntimas e os teus pecados capitais.  
A dor no ventre, o ardor na próstata, a cavalgada  
veloz do sangue nas artérias, mel de abelha  
nas veias, pulso fora do ritmo, as mazelas  
que devastam o corpo e as dissonâncias da alma.  
Ele te perscruta com olhos de felino  
te apalpa dos pés à cabeça, te percorre  
por fora e te adivinha por dentro.  
Depois lavra a sentença na tela do computador:  
procure um especialista em morte súbita.

## A PEDRA E SUAS VARIÁVEIS

A imobilidade da pedra dialoga com a dinâmica do vento. A pedra é um hipopótamo de lodo que flutua nas águas do rio. A pedra se move em sua órbita de orvalho. Planeta incendiado pelo atrito e a inércia das esferas a pedra repousa em si mesma até completar a curva da parábola. A pedra é a placenta de um bólido do tempo do apocalipse quilha e âncora das naus e utopias de Ulisses. Medusa de seios de limo, o dorso da pedra se contorce, o fel do tempo jorra dos poros e artérias da pedra. Enquanto o vento celebra os ritos da cabala, a pedra semeia o pólen de ouro da parábola. Filha do sol, descendente da chuva, a pedra parece um ruminante remanescente do dilúvio. A pedra pastoreia o vento, soletra as sílabas da água decifra os enigmas do homem, subverte as leis do tempo. Quando a noite despe os seus mamilos fartos, a pedra põe os seus ovos de limo na boca dos lagartos. A pedra passa pelo pórtico do paraíso, pela ponte pênsil, pelo portal do purgatório. A pedra prolifera na paisagem. Contemporânea dos astros e das galáxias a pedra é memória e esquecimento do tempo que se dispersa em poeira cósmica.

## URZES DO AMOR

Vejo as formas mutáveis da paisagem  
através da moldura da janela.  
A tarde já se deita na colina  
para embalar a insônia dos bezerros.

Roça-me o som dourado de uma flauta  
e acorda em mim os passos do menino.  
Mais do que o tempo, o sonho se evapora  
e vai arder nas chamas do prodígio.

Fantasmas de veludo vão passando  
no céu. E, repentinamente, o azul  
é uma taça de augúrios que transborda.

O que restou das nossas utopias?  
Urzes do amor germinam no meu peito  
e vão florir na ausência dos teus olhos.

## SETE FOTOGRAFIAS

Ali havia uma porta e uma cruz  
de malta desenhada com o sangue dos mortos  
a profecia de uma parede de alvenaria  
com sete fotografias de Lorca.

Ali havia uma porta que nunca se abria  
um relógio de água decependo os lírios do tempo  
o fulgor da agonia dos touros  
quando o sangue jorrava das cordas de aço  
das guitarras dos mouros.

Ali havia uma porta, havia uma pêndula  
a âncora de um navio de papel  
barcaças e gaivotas ancoradas numa restinga  
ali havia o magnetismo de uma foice  
as botas de um soldado, os gritos e sussurros  
das almas dos cães perdidos na noite.

Ali havia o gemido de uma porta  
uma parede de alvenaria, o limo do vento  
e da chuva, a dança da chama, o pássaro na gaiola  
os degraus da vertigem, o laço da força  
e as sete fotografias de Lorca.

## CARREGO A NOITE

Carrego a noite em meu peito  
com seu cortejo de duendes e fantasmas.  
Os mortos me fazem perguntas indiscretas  
querem saber dos orgasmos que tive  
e até mesmo dos montes de relvas das namoradas.

Carrego a noite em meu peito  
dilacerado por todas as ausências.  
A noite constelada de augúrios e escorpiões  
e da plumagem dos anjos que perderam a memória.

Carrego a noite em minhas retinas  
de mendigo bêbado expulso do albergue.  
Fragmentos de átomos gargalham nas alturas  
zombam dos mortos e de mim.  
Carrego a noite em meus ombros de Sísifo.

## TESTEMUNHO

Não é o tempo que nos mata.  
O que nos mata  
é o uso indevido  
que fazemos do tempo  
e de suas dádivas.

## COBRA-CORAL

A cobra-coral e seu magnetismo de bailarina bêbada  
o seu fulgor de deusa foragida dos infernos  
o seu faro de cadela no cio  
o seu andar de fêmea que esvaziou uma taça  
de ópio, os seus anéis de faíscas  
atômicas, o seu gélido olhar de morfina  
a sua nostalgia do paraíso perdido  
sua memória enroscada na coluna vertebral de Eva.  
A cobra-coral e sua pele de égua dos deuses  
o seu rastro de sangue no tempo  
os seus caninos triturando o que resta  
das cinzas e utopias do amor.

## O SILÊNCIO É UMA FIGURA GEOMÉTRICA

O luar é um líquido espumoso por cima  
dos telhados. A noite dispara flechas de mercúrio  
sobre as coisas enroscadas em suas conchas.  
A escuridão se dispersa nas copas das árvores.  
Os meus olhos são punhais cravados  
no dorso dos séculos. Escuto os ruídos da insônia  
e dos caninos do envalô triturando os gritos  
e os ossos dos ratos. O silêncio tem  
ângulos agudos de figura geométrica. Um cão  
ladra à espera de que a porta se abra.  
Somos os trapezistas de um teatro de fantoches.  
No centro do picadeiro os instintos  
rugem como feras numa jaula.

## OS DEMÔNIOS

Os demônios estão em toda parte:  
nos bares, nas esquinas, nas avenidas  
nas ruas escuras ou iluminadas  
nos velórios e funerais de pessoas ilustres  
na Internet, nas caixas eletrônicas  
nos bancos dos jardins onde os namorados  
se mordem ferozmente entre juras de amor eterno.  
Vão à igreja nos dias de páscoa, recitam  
salmos e ladainhas em voz alta, são admiradores  
e comensais de Machiavel, têm especial  
predileção pelo Eclesiastes, eventualmente são  
vistos nas catedrais, onde exibem suas  
negras túnicas e medalhas de bronze.  
Às vezes nos visitam em cavalgadas súbitas.  
Principalmente nas repartições públicas.

## COISAS

Coisas são coisas, nada mais que isso.  
Inútil desvendar-lhes os segredos que escondem  
nos seus corpos e na trama de sua  
eternidade provisória. As coisas se bastam  
porque são coisas que não dependem  
dos nossos sentidos. São entidades neutras.  
Ora são encarnadas, ora são azuis.  
Germinam sob a luz do húmus. Dimensões  
esculpidas pelo espaço, pela alquimia  
e o ácido das chuvas. São pássaros  
embalsamados, cujas asas polidas pelo vento  
guardam vestígios de segretos vôos.

## OURO DO DIA

É bom acordar, sentir que o dia  
nos inunda, que a luz nos trespassa com  
seus gumes de ouro derretido.  
Acordar e ver que tudo recomeça outra vez  
que a vida é eterna e que os minutos  
não cessam de tecer sua teia de Penélope.  
Bom acordar, não dizer palavra  
aos ouvidos das paredes, esperar que o dia  
se derrame dentro de casa, arrebente  
as vidraças dos arranha-céus e que nos venha  
lamber o rosto com a sua língua  
áspera de cachorro no cio.

## O DIA PASSEIA EM MEU QUARTO

O dia passeia em meu quarto  
com a sensualidade de uma cobra-coral.  
Seu corpo ondulado se estira  
por cima dos móveis e sua cauda fulgurante  
incendeia o dorso dos espelhos.  
O dia atravessa as paredes e as portas  
funda o seu império de fogo  
nas artérias das pedras e dos objetos  
e faz com que as espigas da utopia amadureçam  
nos celeiros. O dia é um plantador  
de vinhas que volta para casa, seduzido  
pelos aromas da mulher e do vinho.

## PALAVRAS E ANDORINHAS

As palavras são ocas e vazias  
iguais aos olhos vazados de um cego de nascença.  
Voam em bando como as andorinhas  
que emigram para os estios.  
As palavras em romaria nas folhas de papel  
ovelhas extraviadas à procura  
da flauta do pastor.

As palavras fogem de mim.  
São pássaros assustados que regressam  
dos temporais da noite e do mar.  
Eu as encontro todos os dias, mas não consigo  
guardá-las na memória e no coração.

Escuto o rumor das palavras  
que se levanta das entranhas da alma.  
Escuto o balido das vozes das ruas, das multidões  
sem rosto que se dispersam na escuridão.  
As palavras me arrebatam  
decepam meus pensamentos e minha sombra.

## ORGIA

Na mesa os copos cheios de ira  
e ranger de dentes. As taças  
e espumas repletas de luxúria.

O vento acaricia os crespos  
pensamentos das samambaias.  
Pombas, os teus seios alçam vôo.

Na mesa todos os sentidos dardejaram.  
A música ergue seu pênis de cristal e trespassa  
as dobras de seda do cio das moças.

## HOLOCAUSTO

A mesa é o lugar do holocausto.  
Silêncios farfalham entre as dobras  
das vozes dos comensais.

A noite tem o perfil de uma esfinge  
que não se devora. A chama  
das velas fustiga o ácido dos beijos.

Mesa repleta de volúpias canibais.  
Os mortos nos agridem  
com os seus rituais de putrefação.

## MORTE DE SÓCRATES

Sabeis, amigos da ágora,  
que devo um galo a Asclépio.  
Xantipa fez um banquete,  
fritou as carnes mais brandas  
e as regou com puro azeite.

Festa regada com vinho,  
silogismos e axiomas.  
O fato é que esse obséquio  
agora me oprime a alma,  
pois devo um galo a Asclépio.

Críton, amigo dileto,  
roça-me o hálito inaudito  
da morte. Se devo um galo,  
não é justo que essa infâmia  
tolde o que resta do mito.

Sinto o veneno explodindo  
nas veias das minhas pernas.  
Não basta a filosofia,  
agora que as minhas dúvidas  
não são verdades eternas.

## NOTURNO DA CATEDRAL

Jorram silêncios góticos  
do âmago das pedras.  
Deus escreve no mármore  
parábolas eternas.

Os vitrais incendeiam  
mártires de olhos claros.  
Asas que arrulham. Verte  
sangue dos candelabros.

Sons de harpas. O incenso  
gorjeia pela nave.  
Anjos de curvas barrocas  
dizem preces e salmos.

De repente, um sussurro  
sai do fundo da cripta.  
São os mortos em trânsito  
para a noite infinita.

## SONETO ODORÍFERO

O odor das marés recorda o cheiro  
da respiração das vacas que pastam  
nas colinas. Lembra o frescor do hálito  
do berro adocicado dos bezerros.

Odor de peixe, odor de barbatanas,  
de conchas que se partem, de moluscos  
que habitam as profundezas das cavernas.  
Odor de seio e espuma fecundada.

Odor de escamas, cascos de navios.  
De pássaros voltando aos arquipélagos  
para as eternas mutações da vida.

Odor de porta aberta para a noite.  
De ninho que, passada a primavera,  
bebe o licor do seu primeiro arrulho.

## NOTURNO DO BECO

Os fantasmas do beco  
apagaram as luzes.  
São vestígios de sombras  
caladas e confusas.

O beco dorme cedo  
tem lá os seus recatos.  
As rãs que ali gorjeiam  
gorjeiam para os sapos.

Às vezes um boêmio  
vagueia pelo beco  
em busca de cachaça  
ou do seu endereço

O sol não vai ao beco  
por isso é sempre escuro  
distante do presente  
ausente do futuro.

## NOTURNO DAS CASAS

Sopra o vento à deriva  
nos telhados das casas.  
A insônia das corujas  
corta e rasga mortalhas.

Os lagos dormem. Sapos  
dos tempos do dilúvio  
cantam para as estrelas.  
Um cântico de fúria

para os deuses do pântano.  
As pupilas da água  
são os olhos dos mortos.  
O arroio toca flauta.

A nau da noite avança  
por distantes setembros.  
É tempo de ancorar.  
Cuidai de vossos remos.

## NOTURNO DA PONTE METÁLICA

Das ondas chega a noite,  
filha da espuma atávica.  
Orgasmos brotam do vento  
e da ponte metálica.

As luzes dos navios  
rastejam sobre as águas.  
Seios que ainda arrulham  
como os filhos das aves

despencam dos vestidos  
com sedução felina.  
Nesse jardim de nádegas  
até o mar bolina.

Odor de fêmea e cio  
de conchas e mariscos  
semeia nas entranhas  
desejos infinitos.

Pairam sobre os amantes  
reflexos de alumínio.  
Nesse jardim de nádegas  
até o mar bolina.

## O BÊBADO DE DEUS

Ao poeta Gerardo Mello Mourão

Eras do reino de Nápoles  
de onde contemplavas o dorso nevado dos Apeninos.  
Costuravas as roupas dos pobres da aldeia  
e ainda cuidavas de suas utopias.  
Eras o mágico e o trapezista de um circo mambembe  
pendurado à beira do abismo.  
Levitavas, pássaro de Deus, como folha tangida  
pelo vento, e te equilibravas  
nos vértices do êxtase.  
Eras o Bêbado de Deus, o que flutuava sobre  
o despenhadeiro das seduções.  
Morrias porque não morrias de amor  
porque o sangue do imolado não jorrava de tuas veias  
de enamorado dos arcanos.  
Tua velha batina caminhava pelas ruas de Muro Lucano  
e os olhos dos botões decifravam os enigmas  
das pessoas, o negror das almas  
fustigadas pela doce memória do pecado.  
Às vezes o vento te erguia do chão  
e rodopiavas no espaço, entre anjos bêbados  
e andorinhas íntimas do azul.  
Eras o que dialogava com vozes e silêncios  
que te visitavam na clausura, entre sussurros de asas  
e reminiscências de outras esferas.  
Eras o provedor do pão e do vinho da palavra  
o pastor de ovelhas tresmalhadas  
o bálsamo que ungia as feridas dos leprosos  
o que semeava caminhos na encruzilhada das águas  
o que chamava os pássaros pelo nome  
o que agasalhava no peito uma coroa de espinhos.  
Eras o Bêbado de Deus.

## DISFARCE

Se a porta estiver fechada  
não abra  
que o vento e a sombra da esfinge  
rondam as casas.  
O vento arranca o pêlo das cortinas  
e as barbas dos retratos.  
A morte é uma ladra.

Se a porta estiver fechada  
não abra  
que algumas vezes a morte  
se veste de cabra  
ou de cadela que ladra.

## MENINOS

Os meninos  
chegaram inesperadamente  
das rampas de lixo  
com os rostos  
lanhados  
de cacos de vidro  
quando lhes  
disse que só me restava  
um naco de sonho  
para oferecer-  
lhes, eles  
ainda tiveram  
força para zombar de mim.

SEGUNDA PARTE

# HÓSPEDA DO TEMPO

Canta-se o que se perde.

ANTÔNIO MACHADO

O homem começa a envelhecer  
quando o trabalho começa a dar prazer  
e o prazer começa a dar trabalho.

(Autor desconhecido)



## RASCUNHO DE OURO PRETO

Ao Prof. Fábio Lucas

Nuvens desabam do céu sobre telhados coloniais.  
Olhos de corujas barrocas relampejam  
no alto das cornijas.  
Bátegas apedrejam os vitrais das igrejas  
onde Cristos de pedra-sabão  
foram trespassados pelas flechas do gótico.

Fantasmas descem ladeiras ou vagueiam pelas encostas.  
Harpas de musgo gorjeiam nas fendas das pedras.  
O tempo, aqui, é uma artéria que sangra.  
O silêncio impõe sua marca de cobre  
nas paredes vergadas sob o lenho dos séculos.

A chuva espalhou estilhaços de vidro  
nas pupilas insones da água.  
Profetas sussurram palavras de fogo  
monossílabos de relva e limo  
aos ouvidos de pássaro do Aleijadinho.

## MORTE DO PEIXE

O peixe recém-chegado  
das profundezas do mar.  
Seus olhos ainda brilham  
e esse brilho assusta a morte.

No dorso, que ao sol reluz  
(além da orgia das moscas)  
vestígios de espuma e alga  
de cavalgadas remotas.

O peixe ainda se agita  
na superfície da pedra.  
A morte, a faca amolada  
mas o peixe não se entrega.

Escórias de maresia  
chegam no vento da tarde.  
A vida ainda se agita  
nas barbatanas da cauda.

O peixe já não respira  
nem ouve o rumor das águas.  
Apenas nódoas de sangue  
perto da faca amolada.

O peixe agora é um fantasma  
sob os raios do equinócio.  
Só os olhos ainda brilham  
e esse brilho assusta a morte.

## SINA DE SÍSIFO

Passo horas a fio ruminando  
as vísceras do poema e não acho a palavra  
exata para dizer as coisas mais simples  
da vida, nem o que penso do cachorro do vizinho  
que me ameaça com os seus caninos  
amolados. Laudas e laudas rabiscadas e não  
consigo desenhar o esqueleto do poema.  
Desisto de tudo, jogo as palavras  
na cesta de papel e me sinto leve e descontraído  
para recomeçar meu trabalho de Sísifo.

## CIO DO ÓCIO

Preciso do cio do ócio para escrever o poema  
do metal do vento e do som das folhas  
que despencam dos outonos e das árvores.  
Preciso dos murmúrios das águas  
dos córregos onde as borboletas se banham  
da música libertária das ruas  
e do balir das ondas ao entardecer.  
Dos aromas e fantasmas que se dispersam  
pelos cômodos da casa, das mãos  
que desenham as curvas das nádegas  
e dos seios. Preciso da argila da cólera para  
esculpir a face escarnecida do poema.

## O TEMPO E OS CÍNICOS

Estou a mil anos-luz da aurora metafísica  
anunciada por todos os profetas.  
Vagarosamente acompanho a metamorfose  
das galáxias que se dispersam com  
a simetria de uma diáspora de formigas.  
Vejo a cavalgada dos cínicos e escuto o rumor  
dos metais dos cavalos do rei, o seu riso  
obsceno e o brilho das espadas corroído pela  
ferrugem do mar. Os cínicos se despem de seus  
paramentos, das máscaras e medalhas.  
Agora os vejo nus diante dos juízes e do povo.  
Posso ouvir o gotejar do tempo, o pêndulo  
das horas fustigando os meus nervos  
com seu martelo de bronze.

## DONOS DA TERRA

A terra é dos mortos  
e dos seus descendentes.  
É da negra lavoura das espigas  
que apodrecem no celeiro dos dias.  
É das léguas de capim  
e das ressurreições da paisagem.  
Só os mortos plantam  
os seus roçados de memória  
nesse vale de lágrimas.

## SOMBRAS DA TERRA

Sombras da terra  
sombras das árvores fulminadas pelos relâmpagos  
fantasmagorias de osso e relva  
sombras estúpidas de alimárias mortas  
com seus ventres rotundos  
e as retinas dilaceradas pelas raízes.

Sombras de asas de abutres pendurados na montanha  
sombras de afogados contempladas  
pelas órbitas da morte.

Sombras velozes do átomo jorrando das entranhas  
do céu. Sombras de mártires decapitados  
sangrando em lápides de areia.

Sombras dos avôs barbudos, íntimos  
das noites de chuva e dos relâmpagos do mar.  
Sombras dos meridianos em chamas  
sombras dos enforcados com braceletes de serpentes  
sombras de medusas de cabelos revoltos  
e pensamentos encaracolados.

Sombras dos párias a caminho do patíbulo  
sombras dos espantalhos apunhalados pelas espigas  
sombras dos bules de cristal, das chávénas  
repletas de ódio. Sombras das velhas  
torres amortalhadas de limo.  
Sombras emasculadas por demônios de olhos verdes.

Ó sombras traiçoeiras da fantasia  
sombras dos anjos expulsos da catedral  
sombras dos cães seduzidos pelo sangue da lua  
sombras sem rosto e sem memória  
estarei à espera na encruzilhada dos caminhos  
que se bifurcam no poema.

## CASA SONHADA

Sonhei uma casa  
de vento as paredes.  
O teto é uma nuvem  
de plumagem verde.

Casa que veleja  
no tempo: uma barca  
ancorada na anca  
de uma escarpa.

Casa sem lucarna  
sem viga e lucerna  
sem trancas nas portas  
sem pedra do cerne.

Fantasmas arcaicos  
descem da montanha  
passeiam nos fios  
das teias de aranha.

Casa erguida pelo  
cântico dos galos  
e pela memória  
dos antepassados.

## MENINO ANTIGO

Era de um tempo em que os anjos  
tinham olhos de topázio e seios de veludo  
os aromas do ópio e da morfina.

De um tempo em que as chuvas do equinócio  
desenhavam borboletas de limo  
na memória dos retratos e dos espelhos.

De um tempo em que as moças sonhavam  
com mastros de navios acariciando  
as nádegas das nuvens.

De um tempo em que os poetas  
e seus alaúdes bolinavam  
os seios das dançarinas da faiança.

## ARQUÉTIPO

O poema feito com método e sob medida  
semelhante ao molde de um sapato.

O poema exato na forma  
cada palavra em seu tempo e lugar  
tão preciso nos fundamentos de sua arquitetura  
que pareça o raiar do gume de uma faca.

O poema com o rigor da engrenagem  
de um artefato suíço, a lógica  
irrevogável de uma equação matemática.

O poema reduzido à sua nudez  
mais límpida; essencial como o tijolo  
na parede e a chave na porta.

O poema que dialoga na hora certa  
que está presente no tempo, nas ausências  
da alma e nas cicatrizes do corpo.

O poema que se ilumina de coisas banais  
e não precisa vagar pelas esferas  
e os subúrbios da metafísica.

## DOIS RIOS

O Rio Jaguaribe  
não é o Capibaribe,  
que tem plumas de cão  
e galopa em declive

para o mar. Não é um  
rio cosmopolita  
cantado em pedra e verso,  
rimas pobres e ricas.

Não é um rio urbano,  
uma serpente ilustre  
que devaneia à sombra  
de arranha-céus de luxo.

O rio de que falo  
desliza na planície  
e não sob os mamilos  
das pontes do Recife.

O rio que recordo  
corre em glebas amargas.  
Mas nunca falta sangue  
para o leite das cabras.

É um rio fuzilado  
pelas flechas dos climas.  
E sempre esteve ausente  
das odes cabralinas.

O Rio Jaguaribe  
não é o Capibaribe.  
Que dorme no seu leito  
feito um morto no esquite.

## AUTISMO

Se o poema fala sozinho  
se não dialoga  
se não se rebela  
se não se interroga  
se não vai ao banquete  
dos mitos que estão na moda  
se não se incomoda  
com o sangue da nódoa  
se aos raios do sol  
prefere os raios da roda  
se vai à festa do povo  
com plumagem de milorde  
se não corta as palavras  
no tempo da poda  
se não desata o nó cego  
na ponta da corda  
se não protesta  
contra os vícios da toga  
– o poema e seu dono  
a um passo da cova.

## SONETO DO CASARÃO

O casarão mergulha na penumbra.  
A nau da noite avança pelas salas  
desertas. Os fantasmas dos retratos  
subitamente descem das paredes.

Nos quartos, nos espelhos, nas aldrabas  
das janelas e esteios da varanda:  
só restaram vestígios de remorsos,  
de volúpias e amores clandestinos.

O mistério seduz com seus ardis.  
Fímbrias de seda purgam seus pecados  
nas chamas dos instintos, que as devoram.

Cessa o clamor das portas de imburana.  
Pelas frestas das altas clarabóias  
irrompe a cavalgada dos centauros.

## HÓSPEDE DO TEMPO

O poeta é um ser do espaço e do tempo.  
Coração que pulsa no mesmo ritmo das coisas  
que se movem.  
O poeta é um exilado dentro de si mesmo.  
Às vezes encontra as portas abertas  
e sai da caverna do corpo para  
se encontrar com as namoradas e os amigos mortos.  
O poeta vê o futuro no fundo das retinas  
decifra os ciclos das estações  
e as cavalgadas das marés que se alimentam  
dos detritos do mar.  
O poeta sai do corpo e entra na concha da alma.  
Sabe que não precisa estar o tempo todo  
bolinando as coxas da metafísica.

## NOTURNO DO FAROL

Ó velho e sonolento Farol  
só vês agora fantasmas de navios  
e de marujos que naufragaram nas rotas da noite.  
Fantasmagorias dilaceradas pelo vento  
e o salitre das espumas do mar.  
Ó pastor dos navegantes e das prostitutas  
seduzidas pelo adágio das marés.  
Ergue de novo as tuas pálpebras de ciclope  
sobre os naufragos do sonho e da vida.

## ARROIO ARCAICO

O rio da minha aldeia  
é um arroio arcaico.  
À maneira de Sísifo  
vai levando o seu fardo.

O rio da minha aldeia  
não tem conchas na orla.  
Só fantasmas ruminam  
as relvas da memória.

A adaga dos estios  
golpeia-lhe a carótida  
e o sangue vivo escorre  
para a planície inóspita.

Noite de vento e augúrios.  
No céu são altas horas.  
O arroio se ilumina  
para as núpcias das cobras.

Ninguém canta o meu rio  
(nem as brisas da tarde).  
À maneira de Sísifo  
vai levando o seu fardo.

## DIALÉTICA DO POEMA

Fazer um poema  
não é dizer coisas profundas.  
É ver as coisas como as coisas não são.

Fazer um poema não é viajar no espelho.  
É ir à procura do rosto do homem  
perdido na escuridão.

É descer às raízes do sangue e do mito.  
Fazer um poema é estar em conflito  
com os dedos da mão.

## SUGESTÕES DE ABRIL

No céu de abril, nuvens  
desenham naves e abóbadas  
de catedrais góticas.

O vento pastoreia  
arquiteturas de arcanjos  
e demônios que se movem.

Ainda é tempo de amar  
neste universo de  
reminiscências proibidas.

Entre leopardos cor de cinza  
nuvens, homens, objetos  
decepados pela asa da morte.

## TEORIA DO POEMA

As palavras são as vértebras do poema  
o coração do poema irriga as artérias do amor  
o poema é uma casa onde todas as portas estão abertas  
em noites de lua os lobos uivam no poema  
o tigre entra no poema pelas frestas da memória  
folhas mortas despençam dos poemas e das árvores  
dos galos e dos poemas escorre o sangue das madrugadas  
os pássaros emigram para os estios do poema  
os poemas, como os rios, deságuam no tempo ou na memória.

## ALEGORIA DA CAVERNA

Somos o prisioneiro da caverna  
que acredita serem reais as fantasmagorias  
que os seus olhos contemplam,  
deslumbrados, à luz vacilante do fogo.

As sombras que dançam diante de nós  
parecem realidades tangíveis  
mas não passam de simples utopias  
criadas pelo devaneio das nossas retinas.

A realidade é mais sutil do que os nossos  
sentidos imaginam. Não é uma fantasia  
da alma nem uma invenção do corpo.  
Há que buscá-la fora da caverna.

## CACHORRO NO CIO

O dia é um cachorro no cio.  
Sente de longe o cheiro da cadela  
espanta as moscas com sua cauda de mercúrio  
e só pensa na ração de prata do orgasmo.  
Sacode o pêlo deixado pelas escamas da noite  
se estira nas almofadas do sofá, fareja  
o mênstruo das flores e o sangramento das orquídeas.  
Vai sorrateiramente ao quarto das moças  
fustiga o sexo dos espelhos com seus dedos de cristal  
penetra nas frinchas dos lençóis e do sono  
bebe a água dos jarros e acaricia os pensamentos  
das noivas. Como todo cachorro que  
se preza, lambe a cauda, sacode as orelhas  
e parte na carruagem da noite que se aproxima.

## METAMORFOSE

O dia apaga as rugas que a noite  
desenha em meu rosto  
e me purifica como um jorro de água  
límpida. O dia me transforma  
noutro homem, meu corpo  
já não se dilacera de encontro aos estilhaços  
da realidade. O dia apaga as sombras  
que restaram da noite, me torna mais leve  
e resistente às seduções dos mitos  
cotidianos e ao gélido sorriso da morte.

## VESTÍGIOS DA ROSA

Onde houve uma rosa  
o hálito de sua nudez permanece  
em cada vértebra do ar  
no vento, no zumbido e no movimento  
das abelhas, na pele e na plumagem  
das idéias, no dorso dos arroios  
e na memória dos espelhos.  
Onde houve uma rosa  
seremos para sempre contemplados  
pela pálpebra erisangüentada de uma pétala.

## IDEOGRAMAS

A princípio um filete de prata desenhou  
na vidraça da janela ideogramas  
do alfabeto chinês. Setembro  
raiado de sangue pulsava no céu de estio.  
Nuvens ácidas rememoram  
a diáspora das procelárias. Quando choveu  
de rijo, os sinos já repicavam pelas  
pombas e andorinhas mortas.  
Vespas se vestem de negro, sem que se saiba  
por quem soluçam as noivas de Málaga.  
A princípio o filete de prata  
não passava de uma alegoria esculpida  
por duendes na ausência da vidraça.

## VARIAÇÕES SOBRE A PEDRA

A pedra é uma pedra  
o tempo todo  
uma pedra da época  
da pedra lascada.

A pedra vê o pássaro  
beliscando o seu dorso  
a pedra se contempla  
a si mesma, sem remorso.

A pedra se deita  
numa tumba de pedra  
espera a eternidade  
sob uma chuva de pedra.

A pedra nasceu dum ovo  
da idade da pedra  
agora é uma esfinge  
de seios de pedra.

De tanto ser pedra  
a barlavento da pedra  
a pedra acabará voltando  
às origens da pedra.

## A TARDE CHEGA COM OS PÁSSAROS

A tarde chega com os pássaros  
e as folhas arrebatadas pelo vento.  
Tua lembrança me visita no sussurro  
de uma harpa ou na cadência dos tambores  
de Ravel. Teu corpo e teus vestidos recendem  
a perfumes silvestres e aromas de conchas  
do mar. Da janela te vejo caminhar pelas  
veredas da minha nostalgia. Penso  
que vens ao meu encontro, mas a tua  
sombra recua e se mistura ao fulgor  
das borboletas que se despetalam aos últimos  
raios de um verão que já não me aquece.

## AO CAIR DA TARDE...

a morte começa a tecer sua teia  
de Penélope. Os sinos desferem gorjeios  
mais agudos do que os punhais.  
O azul dos teus vestidos incendeia as minhas  
retinas. Ninguém regressa do exílio  
que não encontre a porta fechada. Meus olhos  
te procuram na orla de um pensamento  
musical. Os remos de Ulisses velejam nas lágrimas  
de Tróia. E os teus seios reverdecem  
como os brotos da primavera.

## CACIMBA DE PEDRA

Fui seduzido pelos olhos de uma cacimba  
de pedra que cintilavam entre as  
impurezas do lodo. Talvez  
fossem os olhos de um sapo ou de uma  
rã dos tempos do dilúvio.

Meus olhos foram seduzidos pelas  
retinas da água no fundo de um poço sem memória.  
Ali, uma esfinge de mamilos de pedra  
enfeitiçava os homens em noites de lua nova.  
Ali adormeceram meus pais e meus  
avós, antes que a ceifadora recolhesse as espigas  
e o que restou do sonho dos afogados.

Meus olhos mergulharam no abismo  
da cacimba de pedra, como se fossem de volta  
à concha de limo do útero materno.

## EXÍLIO

às rosas do idílio  
prefiro  
os espinhos  
do exílio.

## MILONGA DA SERPENTE

A serpente era uma cobra  
aparentemente inócua  
não fosse o odor de morfina  
que lhe saía da boca

cujos caninos de prata  
cortam mais do que uma adaga;  
era a plumagem do cio  
de um nó que não se desata.

Um nó que às vezes se agita  
entre as dobras do disfarce  
como se os olhos da cobra  
algum demônio os fitasse.

Era uma curva perfeita  
semelhante à da parábola;  
um círculo ou uma elipse  
que começa onde se acaba.

A serpente era a metáfora  
de si mesma: reluzia  
com tal fulgor que o helianto  
perto dela escurecia.

Era uma cobra gerada  
desde os primórdios da neve  
quando o amor já consumia  
memória e seios de Eva.

A serpente era uma letra  
gótica impressa no linho;  
satanás com sua lépida  
túnica de libertino.

## SÚPLICA BARROCA

Anjos de linhagem barroca  
das igrejas de Minas.  
Rezai para que não se percam  
as almas das concubinas.

Rezai pelas éguas castanhas  
e as de douradas crinas.  
que pastam memórias e lendas  
nas ladeiras de Minas.

Anjos do Aleijadinho, sombras  
de azuladas retinas.  
Rezai para que o amor transborde  
das taças das meninas.

Rezai para que os cegos vejam  
e os olhos das turmalinas  
que o sangue dos Inconfidentes  
jorra das veias de Minas.

Rezai para que a amada escute  
o clamor destas rimas.  
Anjos de linhagem barroca  
das igrejas de Minas.

## À SOMBRA DE HÖLDERLIN

Não me ouvireis, ó Parcas,  
clamar aos céus contra as investidas  
do tempo e do sarcasmo  
daqueles que esperam demais  
da avareza dos deuses.

Sabeis que as altas esferas ignoram  
os mortais, seus tesouros  
suas tumbas de mármore e a vasta  
hierarquia dos vermes que  
passeiam na caligrafia de seus epitáfios.

Não me ouvireis, ó Parcas, uma  
só palavra de desdém ante o vertiginoso  
pulsar das rotações do universo  
onde a matéria se transforma em romarias  
de estátuas decapitadas.

Antes que vosso hálito de medusa  
expulse a juventude das minhas artérias,  
deixai-me sentir ainda os aromas das entranhas  
da vida e do amor, que os meus sonhos  
não passam de reminiscências  
das cinzas do adeus.

## HORA DE NÃO DIZER ADEUS

Hora de não comer dobradas à moda do Porto  
de cancelar os compromissos inadiáveis  
de não fazer projetos mirabolantes  
de não ser aquele, entre os comensais  
que foi surpreendido pelo demônio do vômito.

Hora de não ir nem de voltar  
de não colecionar reminiscências nem  
borboletas mortas, de não confiar  
segredos às aranhas, que desenham alegorias  
na memória e na epiderme dos retratos.

Hora de não dizer adeus ao vento que passa  
pela tua sombra, de não beber veneno  
por causa das namoradas  
de não seguir os passos do anjo torto.  
Hora, sobretudo, de não comer  
dobradas à moda do Porto.

## SOM DE CLARINETE

Chega de longe o som de um clarinete,  
se alastra em meus ouvidos e na sala.  
Som de faca amolada que magoa  
e corta fundo a carne arrependida.

Som de maré que explode a rocha bruta  
e vai sangrar no seio da caverna.  
À exausta claridade das abóbadas,  
chega de longe o som de um clarinete.

A tarde ostenta o seu colar de sangue.  
Um pássaro, pousado na cornija,  
segue o enterro do sol com sua flauta.

Findo o momento exato do prodígio,  
quando a alma em si mesma se agasalha,  
chega de longe o som de um clarinete.

## QUASE ODE AO REI DAVI

Oh! esse grande rei, cuja túnica exalava os aromas da sedução feminina! O seu grande olho de monarca percorria todos os montes e colinas dos corpos de suas duzentas concubinas.

Nada lhe escapava, nem mesmo as curvas e ondulações mais íntimas das belezas escondidas de Betsabéia, mulher de Urias Heteu, servo e soldado do rei.

Ele a viu nua quando ela se banhava numa das fontes que jorravam dos pensamentos reais.

O grande olho do rei, do tamanho do seu umbigo desejou-a com todos os cios do seu coração.

Ordenou a seus vassalos que sem demora lhe trouxessem a mais cobiçada das filhas do seu reino, nem que para isso fosse preciso decretar a morte de Urias Heteu.

E assim se fez.

E foi assim que o rei a possuiu por longos dias e pelo tempo afora e jamais pareceu saciado

das entranhas da mulher de Urias.

Chegou a perder a noção dos orgasmos reais.

## TORSO DA SOMBRA

Rodin. O mistério esculpindo adágios e revelações  
no Torso da Sombra.

Braços mutilados acenam para a utopia de  
um paraíso perdido nas esferas.

O Torso se contorce.

Ânsia de ultrapassar a rigidez da forma  
aprisionada em si mesma.

Rodin. A matéria rebelada.

Volúpias escorrendo dos cios do mármore.

Rodin. Pulsam reminiscências de eternidade  
em todas as artérias do bronze.

## SOLTOS NAS ESFERAS

Estamos soltos nas esferas  
sujeitos às leis da física  
e às trapalhadas da metafísica.

Oscilamos nas órbitas de fogo  
de planetas que incendeiam o cosmo  
com suas caudas de prata, seus anéis de mercúrio.

Somos iguais a uma romaria de formigas  
que vagueiam em labirintos de raízes  
guiadas pela bússola da terra.

## DOMADOR DE RELÂMPAGOS

Eu não gostaria de ser  
aquele que anuncia em praça pública  
os éditos e os funerais do rei.

Não gostaria de ser o carrasco  
que decepou a cabeça de Ana Bolena  
aos olhos marejados do Tâmis.

Não gostaria de ser o marujo  
que do alto do mastro da gávea  
contempla a diáspora das espumas.

Não gostaria de ser o tangedor  
de caravanas que adivinha o som da  
água nas pupilas dos camelos.

Não gostaria de ser empalhador  
de borboletas e de pássaros.  
Gostaria de ser domador de relâmpagos.

## DEVO UM GALO

(Sócrates, pouco antes de morrer)

Devo um galo a Asclépio  
(não por maldade ou cinismo).  
Comi esse arauto da aurora  
num belo dia em que os deuses,  
longe de mim e da ágora,  
rolavam pedras no abismo.

Asclépio vendeu-me o galo  
de plumagem mais bonita  
e o galo foi degolado  
por minha esposa Xantipa.  
O galo já não canta mais,  
tampouco as asas agita.

A morte já se aproxima  
com suas passadas longas.  
Meus olhos já não distinguem  
os contornos da matéria,  
se as imagens do universo  
são quadradas ou redondas.

Devo um galo. E esse fato  
renega a essência de algumas  
das minhas vagas idéias.  
Dou-vos o meu testemunho,  
agora, que a luz me escapa  
rapidamente das veias.

## CANTIGA MEDIEVAL

Cai-me a pena da mão  
com tal leveza  
que o verso escorre do peito;  
e, em correnteza,  
as mágoas do coração.

Contemplo da janela  
as folhas da estação  
douradas pelo estio.  
E, enquanto penso nela,  
cai-me a pena da mão.

Vejo passar o rio,  
os barcos que vêm e vão.  
Mas, se estou longe dela,  
perco a memória e o cio,  
cai-me a pena da mão.

Longe dos olhos da amada,  
se me busco me perco,  
não me acode a razão.  
Se a contemplo de perto,  
cai-me a pena da mão.

## ERA DOMINGO

Pelas ruas desertas caminhava  
entre augúrios e fezes de cachorros.  
Era domingo, e os bêbados sonhavam  
com mulheres amadas por cavalos.

O murmúrio dos bares e das ondas,  
cio de espuma, concha e maresia.  
O apito de um navio assusta os anjos  
e as formas soterradas da matéria.

A noite apaga os rastros dos camelos.  
No céu de Homero arquejam caravanas  
carregadas de aromas e utopias.

Caminhava sem saber para onde.  
Era domingo, e o sangue ainda jorrava  
do soluço das barcas ancoradas.

## ODE AOS UIVOS DO AMOR

O tempo nos escapa pelos dedos  
pelos olhos, pela janela e pela memória.  
Uma tarântula faz o seu ninho em nosso peito.

O tempo é uma vertigem da alma  
em seu trapézio de areia. Aquele rio que  
nos brinda com sua taça repleta do cio das espumas.

O tempo e suas velocidades inertes  
suas verrugas na ponta do nariz  
seus fragmentos de naufrágio e eternidade.

O tempo da morte iminente  
(morte barroca costurando sua negra opa)  
o tempo de mamar ao seio da esfinge.

O tempo do vinho amadurecido  
no útero de veludo das garrafas negras.  
Tempo de escrever uma ode aos uivos do amor.

## MEMÓRIA RUPESTRE

A memória lembra-se do esquecimeneto  
(Santo Agostino, Confissões)

Onde estiveres, no portal da aurora  
nas esquinas da infância ou das pirâmides  
ou cavalgando o pégaso das ondas  
ou seduzindo o fauno das espumas.  
Nas árvores desnudas da montanha  
castigadas pelo vento. Na chuva  
repentina que ressuscita os ninhos  
das andorinhas mortas. No silêncio  
das manhãs, quando o aroma das espigas  
acorda os passarinhos, os secretos  
emblemas da matéria. Eu te amarei  
nas ruas que se bifurcam no poema  
no som mais débil, no mais débil sopro  
e em todos os sentidos do meu corpo.

### II

Só o amor vale a pena. Reacende  
a chama dos instintos, que se apaga.  
Só o amor abre as portas e as comportas  
dos sentidos que deságuam no pecado.  
Só o amor vê de longe e vê de perto  
adivinha os desejos escondidos  
nas entranhas. Só o amor se assemelha  
a uma adaga que fere docemente.  
Ao punhal que trespassa mas não mata  
ao olho apedrejado que não cega  
ao vinho que gorjeia numa taça  
de cristal. Só o amor lembra um centauro  
que desce das colinas de Efraim  
para pastar canções em nosso peito.

### III

Era uma tarde igual a outras tardes  
vistas por mim do esquadro da janela.  
Sombras tristes e alegres perambulam  
na ribalta de um circo sem platéia.  
Uma tarde de nuvens andorinhas  
de vento azul e folhas amarelas  
de sinos repicando as aleluias  
de vozes sussurrando misereres.  
Era uma tarde gótica. Vestígios  
de reminiscências barrocas pelas  
naves. Mártires e Cristos de pedra-  
sabão sangram nas franjas dos altares.  
Era uma tarde de augúrios. Palavras  
e pombas arrulham nos candelabros.

### IV

Uma ilusão que avança e que recua  
e ao peito acorrentada, ainda se move.  
Tem o fulgor dos tigres de Bengala  
é mais veloz que as flechas do argonauta.  
Uma ilusão que tece à nossa volta  
seus linhos de volúpia e seus enredos.  
Chega do espaço em súbita revoada  
semelhante às matilhas do prodígio.  
Uma ilusão que parte e que regressa  
e instaura a plenitude no vazio.  
É tão sutil que atravessa as paredes  
os reflexos e insídias dos espelhos  
e os camafeus das bailarinas mortas.  
— Isso é o amor, rosa de escárnio e sangue.

## V

Eu te amo agora e te amarei depois  
que o vento negro me roçar a face  
levada por centauros de fumaça  
para um campo de espigas e de arroz.  
Eu te amo e te amarei noutro lugar  
que não seja de fogo nem de espuma  
ou seja o pólen que fecunda o mar  
ou seja o mar raiado de cardumes.  
Eu te amo nesta hora e neste instante  
e te amarei quando estiver exausto  
do tempo. E te esperarei nas esquinas  
do meu sudário de pastor errante.  
Nas esferas serei o teu arauto  
e te ungirei com o sangue das vindimas.

## VI

Todas as coisas são iguais e azuis  
cúmplices do mistério e da paisagem.  
Todas as coisas sangram no poema  
nos espaços e artérias da metáfora.  
Todas as coisas brotam dos atritos  
do átomo e proliferam no vazio.  
São pássaros (as coisas) e alçam vôo  
do tempo breve à longa eternidade.  
Todas as coisas descendem dos astros  
e nos seduzem com seus olhos míopes  
de ciclope. São límpidas as coisas  
em seus corpos de chama que se entrega.  
Todas as coisas ficam para sempre  
na memória dos mortos acordadas.

## VII

À luz dos arquétipos da nudez  
é assim que te navego e te imagino.  
Vejo-te em sonho e reconheço o limo  
dos teus quadris de jarro português.  
Redescobres o enigma dos espelhos  
e a memória das cinzas de Cartago.  
Aonde vais, um barco te navega  
com marujos fenícios no convés.  
Ar tardes vêm do mar para te ver  
não voltam mais. O senhor dos cardumes  
passa por ti e acende os seus fanais.  
O amor é uma utopia das espumas.  
O que germina e já começa a arder  
a mais certa das coisas desiguais

## VIII

Chega o amor, e é como se chegasse  
um raio de sol com a sua cauda  
de serpente hermafrodita. Esse amor  
que exala a canibal e nos ruma  
com a língua espiralada de anaconda.  
Chega o amor de qualquer parte do corpo  
e de seus recintos indevassados.  
Chega o amor, já se deita sobre o gume  
de si mesmo e já começa a tecer  
a trama irrevogável dos sentidos.  
Chega o amor das entranhas dos navios  
e o cio das marés nos incendeia.  
Chega o amor com plumagem de milorde  
para ser seduzido pela morte.

## IX

O vento se desprende da corola  
rumina a luz as vértebras da chuva.  
Vêm da cozinha de azulejos verdes  
odores corrosivos de cebola.  
Os mortos já fumegam nas terrinas  
já flutuam em molhos aromáticos.  
Adeus, ó relvas desses campos bíblicos  
arroyos que flamejam nas colinas.  
À mesa chegam postas de vitelas  
refogados de trutas e novilhas  
papos rotundos de perus obscenos.  
Ao rumor dos cristais, a luz das velas  
dança sobre essas podres maravilhas  
reliquias de pecados e venenos.

## X

Um soneto sem rima e chave de ouro  
sem preceito, conceito ou preconceito  
sem lago azul, sem peixes metafísicos  
nem cisnes brancos de alvacentas plumas.  
Um soneto sem metro e dialética  
sem pompa no compasso e na retórica  
sem os dilemas, sem os histerismos  
de um tempo embalsamado na memória.  
Um soneto irrigado pelo sangue  
da vida, pela música das coxas  
das moças, de seus corpos bailarinos.  
Um soneto vaiado pela plebe  
(tercetos e costelas fraturadas)  
exposto ao sol, completamente nu.

## ODE TRIUNFAL

Estavas, linda Inês, posta em sossego  
à sombra dos arbustos da colina  
cuidando dos rebanhos do argonauta.

Ouvi o som da gaita de um galego  
que recitava Homero numa esquina  
onde outro cego já tocava flauta.

Fui sedutor quando cismeï de ver-te  
meus sentidos arderam por amar-te  
meu coração pus aos teus pés de infanta.

Buquê de espumas para um deus solerte.  
Até mesmo na hora em que se parte  
o cristal de uma taça ainda canta.

## CATEDRAL

Arquitetura de vento e andorinhas  
zumbido de asas e ladainhas  
de mármore. O incenso sobe dos turíbulos  
como serpentes expulsas dos altares.  
A música ergue o seu caule  
de chamas até roçar na quietude das naves.  
O que ressoa nas frinchas das  
pedras não é o rumor das hóstias que  
sangram, nem os apelos das vozes extraviadas  
nem o balido das ondas do mar  
nem o soluço dos anjos foragidos, nem  
os morcegos devorando as rosas  
dos vitrais. O que ressoa nessas pedras  
coroadas de espinhos são os passos do homem  
à procura da memória de Deus.

## DÚVIDA

A dúvida é uma carícia de Deus.  
Só a dúvida nos ensina  
que a verdade se mistura aos aromas  
dos dias e das noites.  
Duvidar é acender uma luz na claridade  
procurar a chave da porta num  
covil de serpentes.  
A dúvida não entra no quarto escuro  
sem pedir licença ao dono  
da lâmpada. A dúvida é uma túnica de seda  
que se entrega à carícia da chama.

## NUVEM E SOMBRA

A sombra da nuvem é igual à copa  
de uma árvore: pêssegos  
e arrulhos. Uma a uma, as aves  
e as folhas em revoada.  
Vão e voltam, fragmentos de cristal  
que se partem de encontro  
aos picos amolados de abismo.

## MODUS VIVENDI

Viver é estar morrendo a cada  
minuto que nos trespassa com os seus  
punhais de átomo.  
Escrever mil vezes o epitáfio em lápides  
de água. Ver as orquídeas do amor  
apodrecerem num pântano de gametas  
cor-de-rosa. Ir ao banquete com  
a túnica manchada de sangue e a memória  
sufocada pelos punhos do remorso.

## FOLHA

Folha solitária suspensa do caule.  
O vento que de leve a agita  
o sol, a chuva, os frêmitos das asas  
dos insetos, o orvalho das noites  
a imobilidade do azul  
o sarcasmo dos pardais e dos estios:  
nada faz supor a reminiscência  
do caos, a secreta energia que a mantém  
acorrentada à memória do caule.

## O SOL CAI DE RIJO

O sol cai de rijo sobre os homens e os bichos  
sem que os deuses se importem com isso.  
Chega a hora da cópula mas o corpo  
se fecha, uma concha de molusco.  
A morte repousa na simetria de uma lágrima.  
O sexo é uma fruta cítrica, borboleta  
de celulóide. O sol cai de rijo na ossatura  
de tua sombra. O tempo, uma anaconda  
que te devora. O sol cai de rijo na reminiscência  
da pedra. A vida é um cachorro doido:  
dilacera com os dentes os pulsos da treva.

## SONETO CÓSMICO

Cachos de chuva tombam dos telhados  
formando lagos negros como a noite.  
Sapos e rãs dos tempos do dilúvio  
chegam de madrugadas paleozóicas.

O mistério se instaura em nossa carne,  
como a hera se enrosca nas paredes.  
Dos altos cimos o frescor de um cântico  
jorra sobre a matéria soterrada.

O abismo se escancara aos nossos olhos.  
Uma esfinge, vestida de ciclope,  
oferta à chuva a face bifurcada.

Nas retinas dos lagos acordados,  
rãs voltam a cantar. Como acontece  
nos primórdios dos seres e das coisas.

TERCEIRA PARTE

## DUETO PARA COBRAS E LAGARTOS

Mulher foi atacada por uma abelha quando se encontrava num campo de golfe. Procurou imediatamente um médico e este lhe perguntou em que lugar ela havia sido picada pela abelha. A mulher respondeu sem pestanejar: "Entre dois buracos".

*(Anedota extraída de filme norte-americano)*



## PLACENTA

A palavra é um enigma  
uma esfinge de rosto voltado para dentro  
de si mesma.  
Uma dança de serpente sagrada  
o eu às avessas  
a faca amolada na superfície da lápide  
o sangue gotejando no umbral.

A palavra é o cenho retorcido do assombro  
o que vai e não volta  
o que se procura e o que se extravia  
a ausência que dilacera  
o que permanece no olfato e na memória  
o que atravessa a garganta como se fosse um punhal  
o que no peito é ferida aberta  
e sangra até a morte.

A palavra é a placenta.  
Jorro de sangue que irriga a argila da alma  
semente que germina no húmus  
do tempo e da eternidade.

## VATICÍNIO

Estava escrito nos livros e nos astros  
nos pergaminhos e nas cavernas  
no pico da rocha milenar  
nas doze constelações do zodíaco  
na orla dos rios e nas esquinas das pirâmides  
nas areias do deserto da Líbia  
no corpo e na alma ensolarada dos camelos  
nas conchas do Mar Morto  
nas estrelas do céu e nas espumas do mar  
que o segundo filho de Eva  
seria assassinado pelo punhal de Caim.

## MECHAS E ESPIGAS

Espigas de milho ou de centeio  
com reverberações modernas ou antigas.  
Lembraís as louras mechas aneladas  
nas frentes das raparigas.  
Espigas acariciadas pelo vento e a  
sensualidade das cantigas  
dos pássaros. Sereis para todo o sempre  
as namoradas dos pardais, essas migalhas  
douradas dos banquetes das formigas.

## TRÊS EPITÁFIOS

Sob este mármore negro  
polido pelo vento e a chuva  
repousam as cinzas do filho de Domício  
e de Agripina.

Aquele que declamava versos  
quando Roma inteira ardia,  
saberá que a eternidade não termina?

### II

Sob esta lápide apodrecem  
reminiscências do corpo mutilado  
da rainha Ana Bolena.  
A lua de Londres costuma  
visitá-la naquelas horas da noite  
em que o Tâmis deságua na eternidade.

### III

Os faraós não precisam  
de epitáfios  
nem de vanglórias esculpidas  
no frio e duro bronze.  
Basta-lhes a eternidade das pirâmides.

## DUETO PARA COBRAS E LAGARTOS

A água canta nas fendas da pedra  
a pedra se enrosca na música da água  
a água acaricia os seios da pedra  
os seios da pedra amamentam  
homens, bichos, cobras e lagartos.

A água jorra do sexo da pedra  
a pedra recusa as carícias da água  
a água é o que se evapora da placenta  
da terra. A pedra é a memória dum  
bólide que se partiu de encontro às esferas.

A água celebra o noivado do sol  
no dorso arcaico da pedra, mas a pedra  
galopa em sentido contrário  
ao dos ponteiros do relógio da água  
que mede as vibrações do homem e da pedra.

A água canta nas esquinas da pedra  
a pedra devaneia com sua harpa de húmus  
a água desce às profundezas da pedra  
onde a aurora irrompe da casca  
do ovo com o fulgor de uma águia recém-nascida.

## RÉQUIEM PARA UM BÓIA-FRIA

Teu corpo desidratado  
mordido pela cobra  
pelo dragão da fome  
e pela tuberculose.  
A bem da verdade  
não precisa de cova.

Corpo deserto de sonhos  
já começa a evaporar  
antes mesmo do velório.  
Corpo tão breve, tão pouco  
flutua na eternidade.  
Não precisa de cova.

Nem de caixão precisa  
nem de mortalha, nem mesmo  
de uma rede de corda.  
Um corpo assim tão magro  
se dissolve no vento.  
Não precisa de cova.

Corpo com tal leveza  
no conteúdo e na forma  
corpo com tal urgência  
de coisa que se evapora.  
A bem da verdade  
não precisa de cova.

## BANQUETE

na mesa repleta  
de vinhos  
e seios implumes  
meus sentidos  
despertam  
para a sensualidade  
dos legumes.

## DÉSPOTAS

déspotas  
de todos os matizes  
de todas  
as raças e países  
escrevem  
com baionetas  
epopéias de cicatrizes.

## SÓ O AMOR VALE A PENA

cala a tua avena  
remove a gangrena  
do poema  
despe a máscara  
e sai de cena  
bolina os seios da morena  
só amor vale a pena.

## RASCUNHOS PARA UMA LÁPIDE

Saio da vida e da história  
para fugir do tempo  
numa alimária cúbica.  
Vivi na corda bamba  
entre os bordéis da mentira  
e o mutismo da súplica.  
Nasci antes do tempo.  
Morri de morte súbita.

### II

Parte de mim, o tempo  
foi enterrado aqui, entre árvores.  
Raízes me flagelam a carne  
para as fogueiras da ressurreição.

### III

Os dias e os rios passaram  
debaixo da ponte.  
Os homens e seus sonhos  
foram decepados  
pelo alfanje da morte.

### IV

A terra  
é o derradeiro  
exílio  
do homem.

## NUVENS, GANSOS E CAVALOS

Gansos velejam pelo céu de outubro  
em lenta cavalgada. O horizonte  
é uma estrada juncada de papoulas  
onde galopam nuvens e cavalos.

Vão em busca dos pêssegos do sol  
em paragens de conchas e arquipélagos.  
Os dourados momentos de volúpia  
os deixam com plumagem de argonautas.

As nuvens passam. E singram distâncias  
mais rubras do que as chamas da vertigem.  
Vejo-as e sinto a dor do quanto é breve

o entardecer do sonho e da utopia.  
Ao galopar de nuvens e cavalos,  
vão-se as plumas de gansos e de outubros.

## SENDAS DA ALMA

À ilustre amiga Dra. Mônica Barroso

A alma nos cavalga em sonho  
mas não deixa sinais.  
Uma asa que nos roça de súbito  
e assusta os cristais.

A casa e os objetos dormem.  
Enquanto o amor refaz  
suas tramas dilaceradas, a alma  
regressa aos umbrais.

As flores do antúrio apodrecem  
aos olhos dos vitrais.  
A alma, arrebatada pelo vento,  
não volta jamais.

## PROFETAS DA AURORA

Profetas da aurora  
os galos morrem cedo  
mas ressuscitam logo depois.

O galo e seu canto acordam  
os vales e os rebanhos  
que pastam as espigas do sol.

É um profeta que anuncia  
as manhãs para que todos saibam  
que a vida continua.

## ANATOMIA DO GATO

À luz do recato  
é o novelo de fios de lã de ovelha  
com que Penélope teceu a túnica de Ulisses.  
Seu fino olfato capta fragmentos  
de aromas dos astros e orquídeas da insônia.  
Parece uma brisa que veio dos campos de centeio.

O gato e sua pompa de arauto  
cabem num sapato.  
Os seus olhos de mercúrio enxergam  
alfinetes no anonimato  
e a namorada que passeia no muro do sobressalto.  
O gato tem sete vidas  
sete maneiras de ser arguto.  
Quando morre de velho, só lhe basta um minuto.

## VERGONHA

Cientistas acabam  
de anunciar  
que o planeta Marte  
à medida que se aproxima  
da terra, vai ficando cada vez mais  
vermelho.  
De vergonha. Obviamente.

## NAU DA TARDE

A nau da tarde  
    ancora no mar  
e suas velas de espuma  
    roçam nas palhas vertebradas  
    dos coqueiros.

A nau da tarde  
    carregada pelo vento  
recende a escamas de peixe  
    e ao cio das marés, que tecem  
    rendas na areia.

A nau da tarde regressa  
    às praias do Mucuripe  
desliza sobre as ondas  
    que avançam e recuam, se quebram  
    e renascem do atrito.

## EXPULSO DO TEMPO

O tempo me expulsa do seu centro  
como se eu fosse um cão à deriva das moscas.  
Dilacera as retinas do poema, fratura  
exposta ao relento e à chuva e aos caninos  
do sarcasmo. Me transforma  
em fragmentos de memória e lascas de palavras  
limo que restou da cavalgada dos rios.  
O tempo me expulsa do solar dos mendigos  
me recusa um lugar na ceia do êxtase.  
Meu coração está no cio, tempo de amar  
e recolher os frutos das coisas.  
Os espelhos me acertam gargalhadas de cristal.  
Vou rapidamente ao banheiro público  
mas encontro a porta fechada com a chave  
de ouro de um soneto parnasiano.

## POEMA FELINO

Tigre é o poema que se esconde  
na selva das palavras. Como qualquer fera  
o poema dardeja quando está no cio.  
Exala odores de orquídea selvagem, rugem  
à beira dos rios e dos pântanos  
e esfrega o traseiro nas estacas da semiótica.  
Tigre é o poema que se esgueira entre  
as fendas dos vocábulos. Se balança a cauda  
ou mostra a ponta afiada da língua  
o poema te dilacera com a sensualidade  
de uma hiena faminta.

## CEMITÉRIO AZUL

Penso, logo me convenço de que pensar  
nem sempre é a melhor saída  
mas apenas um jogo de alto risco.  
Pensar é tecer hipóteses ao redor do eixo  
de areia da metafísica. Pensar  
a chuva e o vento, pensar o amor e tudo  
o mais que nos espreita nas esquinas  
do universo. Pensar a morte  
síntese de todas as ausências, é o mesmo  
que semear idéias no vazio. Não  
pensar em nada já é pensar que as coisas  
e as idéias não passam de sombras  
extraviadas num cemitério azul.

## DISCURSO FÚNEBRE

Estamos agarrados aos frágeis arames da vida  
enquanto arautos emplumados nos  
contemplam de longe, do alto das colinas  
do seu desdém. Somos atropelados  
pelas carruagens do sonho e pelas rodas do mito.  
Ainda não aprendemos a soletrar  
as palavras do alfabeto escritas com sangue.  
Somos reduzidos a lixo atômico  
não passamos de objetos descartáveis.  
Das janelas dos arranha-céus  
histriões nos ameaçam com suas metáforas  
de gumes afiados. Se não lhes  
mandamos flores, seremos expulsos  
como alguém decepado pela foice do vômito.

## FLAUTAS DE CAPIM

O vento começa a balir  
pelas estradas.  
De longe se ouve o cântico  
das flautas de capim.  
Um pastor conduz as ovelhas  
para as colinas da lua.  
A lua pastoreia  
as reminiscências do pastor.

## QUIXOTE E O CICLOPE

Ao caro amigo Prof. Guilherme Antônio Alves Alencar

Lutar com palavras  
é a luta mais besta.  
É como voltar  
bêbado da festa.

É lutar em vão  
contra algum ciclope  
que de lança em punho  
golpeia o Quixote.

Lutar com palavras  
é uma luta inglória  
do poeta e do mito  
do mito e da história.

Melhor ser apenas  
um pastor de cabras  
do que a vida inteira  
lutar com palavras.

Lutar com palavra  
é a luta mais triste.  
O vento insinua  
que ela não existe.

## IDADE DA CHUVA

A chuva é mais velha do que meus bisavós  
tem cabelos brancos e pestanas  
grisalhas, rugas e verrugas no nariz  
como qualquer descendente dos mortos.  
A chuva é mais antiga do que  
a mais antiga nódoa de sangue impressa  
na memória das cavernas.  
É o albatroz que veio da tempestade  
e afundou no mar.  
Mais velha do que todas as idades do dilúvio.

## PANORAMA VISTO DA RUA

A rua está cheia de zumbidos e gestos  
obscenos. A vida continua jorrando  
das vertentes de Deus. Uma correnteza  
de vozes que dilaceram a música  
das esferas e do cosmo.  
Tudo vai crescendo de encontro à esperança  
do homem. O que nos resta é apenas  
a migalha dos sonhos desfeitos  
cinza das nossas nostalgias dilaceradas.  
Nada nos espera quando os dias se evaporam  
além da noite e dos pássaros.  
A pedra cancerosa dardeja aos raios  
da estrela até que se dissolve em maresia.

## O VENTO NÃO SABE QUE EXISTO

Tenho passado pela vida  
sem ser notado pelo vento.  
Os dias são brancas ovelhas  
que pastam as relvas do tempo.

Tudo o que pulsa nas esferas  
vinho para a orgia dos deuses.  
Quando me finjo de Narciso  
sou vaiado pelos espelhos.

Astros e ostras nascem do atrito.  
Ó deus senil dos espantalhos  
o vento não sabe que existo.

Nada me inclui, nada acrescento.  
Vou deslizando para o exílio  
sem ser notado pelo vento.

## DIA/GONAL

O dia e suas vértebras a galope  
e a cavalgada das salamandras no pântano  
até chegar às dinastias da noite  
onde acontece a rebelião  
dos anjos bailarinos.

O dia esvaído em sangue  
igual a um boi que teve a carótida  
decepada por um punhal.  
O dia em dia/gonal, alimária peluda  
que sacode a cauda para espantar as moscas.

O dia que se deita em moitas de capim  
para lambar as úlceras.  
Hipopótamo pastando a folhagem das nuvens  
bebendo a água da chuva e dos rios  
ruminando o tempo e a memória  
do universo.

## ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE

Acordar, remover da memória das retinas  
vestígios de pesadelos e utopias.  
Cumprir à risca os rituais do banheiro  
depois fazer a barba com lâminas de espuma  
podar as relvas do nariz  
ruminar as manchetes dos jornais  
tomar café com leite  
ligar, des-ligar a televisão  
cobrir o saldo negativo da conta bancária  
pagar os impostos com juros  
e correção arbitrária  
engolir a droga para a hipertensão  
a panacéia da próstata  
medir as flutuações da curva glicêmica  
ir ao dentista, cuidar dos ácidos  
da boca e de seus metais.  
Voltar a dormir, de novo acordar  
fazer a barba outra vez, morrer subitamente  
de infarto do miocárdio.  
Assim caminha a humanidade pro beleléu.

## VALE DE JOSAFÁ

O tempo passa depressa  
o tempo não voltará  
para os mortos foragidos  
do Vale de Josafá.

Sete espadas de aço negro  
nenhuma se quebrará.  
Lírios de sol desabrocham  
no Vale de Josafá.

Aquele que estiver morto  
nunca mais acordará.  
Não vê as fontes que jorram  
no Vale de Josafá.

As noites tremem de frio  
mas o espírito arderá  
até que as portas se abram  
no Vale de Josafá.

O tempo passa depressa  
o tempo não voltará.  
A eternidade começa  
no Vale de Josafá.

## CAVALO ATÔMICO

Parece que o vento ressoa  
nas cordas de bronze de uma viola.  
O vento chega da África  
exalando odor de morfina e ópio.  
Atravessa o Pacífico e deságua no Atlântico  
incendeia a África e os deltas do Nilo  
com seu hálito de cavalo atômico.

O vento vem de Cartago  
e derruba as cem portas de Tebas.  
Um rinoceronte que pasta a memória dos rios  
e os cabelos dos afogados.  
Dizem que o vento desce da montanha  
para beber a água dos córregos  
nas pupilas das conchas.  
Talvez para escutar o silêncio dos mortos.

## CANÇÃO DO BECO SEM SAÍDA

Se você se desfaz da fazenda  
paga imposto de renda  
se ganha ou se perde na contenda  
paga imposto de renda  
se vai à rampa de lixo ou escreve poema  
paga imposto de renda  
se põe bagaço de cana na moenda  
paga imposto de renda  
se vai pra cama com uma loura estupenda  
paga imposto de renda  
se coloca o dente de ouro à venda  
paga imposto de renda  
se é dono de alguma oferenda  
paga imposto de renda  
se troca o metal pelo ouro da lenda  
paga imposto de renda  
se canta a secretária na hora da merenda  
paga imposto de renda.

## TRÍDUO

Todo sólido  
se desmancha no ar  
porque todo sólido não  
é assim tão sólido  
como supõe  
a nossa vã filosofia.

### 2

Se todas as coisas  
fossem sólidas  
se todos os homens  
fossem solidários  
não haveria tanta guerra  
entre os camelos  
e os dromedários.

### 3

Os olhos dos gatos  
são feitos de  
gotas de mercúrio.  
Quando adoecem, os gatos  
não usam colírio  
pingam nos olhos  
gotas de hidrargírio.

## UM POUCO DE TUDO

Do grito na madrugada  
(uivo de cachorro doido)  
da chuva que vem de longe  
com seu vestido de noiva.

Do mendigo que esperava  
pelo sol da meia-noite  
da romaria dos velhos  
da infância e seus afluentes.

Dos aromas dos vestidos  
do vinho bebido às pressas  
da primeira namorada  
da onda erguida em seu dorso.

Da bicicleta quebrada  
do cego amolando a foice  
dos cabelos do afogado  
de volta às praias da noite.

Do cabrito assassinado  
aos olhos da praça pública  
da pêndula e da calêndula  
do zumbido do besouro.

Das velhinhas de faiança  
das amadas que não tive  
nem vi seus rastros de fogo:  
de tudo ficou um pouco.

## COISAS DA MODA

A moda agora é quebrar o sigilo  
disto e daquilo. Todos  
querem saber o que se passa  
na tua vida, entre as quatro paredes  
do teu quarto, quantas  
as nódoas de sangue dos teus lençóis  
os gemidos de tua cama  
as ovelhas do teu rebanho  
os ovos das galinhas, os caninos  
dos cavalos. Já não tens  
segredos para os olhos do fisco  
e os aguazis do monarca.  
Eles sabem de cor teus pensamentos  
mas íntimos, as tuas dívidas  
as tuas dúvidas, juro e juras de amor  
teus pecados mais banais  
o barco no mar, a casa na praia  
o fogo no arquivo, o vento na saia  
a conta bancária, o ouro na  
cárie. A moda agora é fazer amor  
pelo computador.

## TÁBUAS PODRES

O tempo refaz a utopia  
das coisas perecíveis.  
O amor resiste às metamorfoses  
do tempo e do corpo  
cidadela de fogo  
em que ardem todas as formas.

O tempo é a metáfora  
do homem esvaído em si mesmo.  
Santuário de tábuas podres.  
A figura que vagueia no céu parece um dragão  
mas pode ser o anjo seduzido em Sodoma  
e transformado em memória de sal.

## CÉPIA E AZUL

Na tarde de angras e âncoras  
todas as velas do amor  
singram meu corpo.

Na tarde de aves e avenas  
todos os lábios se vestem  
para os ritos da súplica.

Na tarde em cépia e azul  
todos os meus sentidos  
erguem seus vértices.

## PARTO DO VERSO

Os versos vão despencando  
de minhas mãos peludas  
e logo trazem de volta  
o séquito das minhas dúvidas.

Parecem negras lagartas  
num canteiro de cenoura:  
devoram couves e alfaces  
e as calcinhas da pastora.

Jorram das fontes do corpo  
a qualquer hora do dia  
ou da noite. Em cativeiro,  
o verso também procria.

Às vezes se lambe todo  
ao jeito de um urso panda.  
Se tento domesticá-lo,  
o verso salta de banda.

Rosa que brota da pedra,  
planta de todos os climas.  
Quer chova, quer faça sol,  
quer sobre a aragem das rimas.

## HARMONIA

a harmonia  
do universo  
é feita de paradoxos

de coisas  
desiguais  
de silêncios  
pontuados  
e de assimetrias.

## NUVENS

nuvens  
encaracoladas  
são cabelos  
brancos de alguma  
avó que tece  
fios de seda para  
os noivados da eternidade.

## TRAVESSIA

Em algum lugar do mundo  
aonde não chega o sol nem o vento.  
Em algum lugar do mar  
no seio de um barco ou de uma concha  
ou num solar de espumas.  
Em alguma dinastia do espaço  
num jardim de orquídeas ou de ausências  
ou nos confins das restingas.  
Em alguma enseada deserta de navios  
chegará meu verso, dilacerado  
pela memória de todos os naufrágios.

## PALAVRAS MUDAM DE COR

As palavras mudam de cor  
quando mudam de lugar.  
São os camaleões da semântica.

As palavras mudam de plumagem  
como os pássaros quando  
pressentem os cios da primavera.

As palavras fazem seus ninhos  
e põem seus ovos de fogo  
nas feridas abertas do coração.

## CISCO NO OLHO

O dia amanhece  
com um cisco no olho  
o sol pontual  
bombardeia as janelas.

Se tu vais à missa  
o vigário insiste  
com voz de falsete  
que o inferno existe.

O cachorro ladra  
o gato mia  
as coisas acontecem  
à nossa revelia.

O dia amanhece  
com um cisco no olho  
e gosto de metal  
na língua e na boca.

No asfalto molhado  
de dedo em riste  
um pastor vocifera  
que o inferno existe.

## LIBERDADE

Liberdade é apenas uma palavra que tem  
asas e às vezes se mistura  
aos pássaros que velejam no azul.  
Apenas um sonho de profeta arrebatado  
pelos anjos doidos da utopia.  
Apenas a metáfora de vidro que se parte  
em fragmentos de cristal.  
Liberdade é apenas uma flecha de espuma  
trespassada na memória dos mortos.

## CABEÇA DE ESPANTALHO

A cabeça é a bússola do homem  
mas é também a gleba da utopia.  
Tudo o que pulsa, tudo o que se move  
no centro do universo e rodopia  
é sonho que se engendra na cabeça  
forma que a todo instante se recria.  
O corpo sem cabeça é do espantalho  
que namora as espigas. Noite alta  
ele conta as estrelas do rebanho  
e vê que a nuvem que do céu lhe acena  
é o centro da cabeça que lhe falta.  
Cabeça decepada pela fúria dos elementos  
ó cabeça de fauno sem memória  
onde estão teus mais puros pensamentos?

## COBRADOR DE IMPOSTOS

O que bate em nossa porta não é o vento  
nem a chuva, nem o pássaro extraviado  
nem o mendigo expulso da noite  
nem o catador de lixo, nem o carteiro  
nem o vendedor de gaiolas, nem o domador  
de relâmpagos, nem o fazedor de barcos  
nem os que estão com frio  
nem os gatos com suas pupilas de mercúrio  
nem o amolador de punhais  
nem o que vende ovos de páscoa  
nem o que escreve madrigais pornográficos  
nas paredes, nem o que pede migalhas  
de pão e utopias, nem o que foi ao enterro  
da prostituta, nem o que sarrupiou  
as flores do velório, nem o que veio das comarcas  
do mar. O que bate em nossa porta  
e crava em nosso rosto o seu olhar de abutre  
é o cobrador de impostos.

## FILE COM BATATAS FRITAS

Em algum momento de sua vida  
e de seus pensamentos mais nobres  
numa hora de tentação ou de volúpia, num  
dia azul ou numa tarde de velas  
e gaivotas desfraldadas  
ninguém resiste à tentação de ser  
consumido por um filé com batatas fritas.

Até mesmo na hora da morte  
na hora solene de acender os castiçais  
nesse instante de reflexões e certezas provisórias  
de traições e silêncios cúmplices  
– até nesse momento de vazios definitivos  
o burguês ainda sonha que será  
seduzido por um filé com batatas fritas.

## POESIA & BUROCRACIA

Uma coisa nada tem que ver com a outra.  
Drummond foi burocrata  
Machado também foi  
Camões foi provedor de defuntos e ausentes  
Cesário Verde foi ferragista  
Fernando Pessoa foi correspondente de casas  
comerciais, e por aí vai.

A poesia germina e floresce em qualquer clima.  
Enquanto a gente trafega nos labirintos  
da burocracia, a poesia se diverte  
com os seios das datilógrafas, sumidas  
do vasto mundo, ou com as belas pernas das  
máquinas de escrever, que estão  
completamente fora de moda.

Tudo o mais é borbulhar de falsa glória  
como diria o poeta Dante Milano  
para quem só o silêncio é musical.

## MUNDO PEQUENO

O mundo já não é tão vasto assim  
como nos tempos do poeta Drummond.  
Agora as distâncias encurtaram:  
Trípoli e Cartago ficam bem ali na orla azul  
do Mediterrâneo, íntimo dos  
fenícios e das quilhas de suas caravelas.  
Os povos do outro lado do planeta  
dialogam conosco todas as noites e até  
nos ensinam como se faz amor virtual pela Internet.  
De tua cama podes ouvir a respiração  
do Golfo da Carpentária e o rumor  
dos passos das caravanas escrevendo epopéias  
nas areias do deserto da Líbia.

Mundo mundo vasto mundo  
mais vasto não é o meu coração.  
Mais vasta é a memória do computador.

## NATAL GLOBALIZADO

Ninguém mais fala da estrela do pastor  
nem dos três Reis Magos  
e de seus camelos carregados de ouro  
e de essências odoríferas.

Nas ruas e favelas das grandes metrópoles  
nas periferias mal iluminadas  
nos viadutos fétidos  
velhos e meninos magros nunca ouviram  
falar dos Reis Magos e de seus camelos de ouro.

Nas mansões da alta burguesia corre vinho farto  
fofocas e champanhotas. As elites  
emplumadas se empanturram de beijos e de iguarias  
indiferentes ao espírito do Natal.

Nas bandejas fumegantes  
indefesos perus aguardam o momento  
em que serão desventrados pelos descendentes  
de antigos canibais.  
Glória a Deus nas alturas  
enquanto os homens de boa vontade trapaceiam  
no jogo das cartas e da vida.

## UTI

Um dreno na boca  
dois no nariz  
pupilas paradas  
confusas idéias  
o que resta da vida  
são tubos de plástico  
sugando-lhe as veias.

## II

A morte chega  
de improviso  
vestida de branco  
enfeitada de agulhas  
e lhe entrega  
a ração de morfina  
numa ampola de vidro.

## CANÇÃO DA ESTRADA

Lufadas de folhas mortas  
rodopiam na estrada  
onde sombras vão passando  
vão passando.

Oráculos da estrada  
nuvens de ouro e sangue  
quando os mortos vão passando  
vão passando.

Aves buscam refúgio  
nas árvores da estrada  
onde infâncias vão bailando  
vão bailando.

Dançarinas do azul  
fitai os olhos aflitos  
dos pobres que vão passando  
vão passando.

Noite, agasalha os mortos  
que passam pela estrada.  
Os sinos estão dobrando  
estão dobrando.

## ROMA

Roma toda  
mama nos peitos  
dourados da loba.

Roma sob  
o olhar compassivo  
da Madona.

Roma  
cidade eterna  
não desmorona.

## PASSARINHO

No telhado da casa  
do vizinho  
indiferente às minhas  
utopias de  
adivinho  
um passarinho  
constrói  
pacientemente  
as vigas do seu ninho  
como se  
tecesse uma túnica de linho.

## CANÇÃO DA PEDRA DE ITABIRA

Para Ana Maria e Edmílson

Tem uma pedra  
no meio do caminho  
que se bifurca.  
– Uma pedra na Gávea  
– uma pedra na Urca.

Tem uma pedra  
nas minhas retinas  
e às vezes me ofusca.  
– Uma pedra na Gávea  
– uma pedra na Urca.

Tem uma pedra  
de cal do tamanho  
da folha da murta.  
– Uma pedra na Gávea  
– uma pedra na Urca.

Tem uma pedra  
nos sapatos de vidro  
da bailarina turca.  
– Uma pedra na Gávea  
– uma pedra na Urca.

## HORA NEGRA

O déspota e seu chicote  
de capataz passeiam a cavalo  
porque a hora é negra.

Os lacaios do rei nos  
ofertam ramalhetes de mentiras  
porque a hora é negra.

O vento sopra da Ásia  
recende a fome e cadáveres  
porque a hora é negra.

Leopardos rondam os palácios  
tigres raiados de sangue  
porque a hora é negra.

Os gritos dos excluídos  
esbarram de encontro às paredes  
porque a hora é negra.

Hora de subir os degraus da força.  
Pombas são versos de Lorca  
porque a hora é negra.

## BALAS PERDIDAS

Balas perdidas semeiam nas paredes  
estilhaços de óbitos.

Balas velozes incendeiam pedras  
e decepam carótidas.

Balas de fuzis e rifles  
empilham cadáveres nos esquifes.

Balas desenham vogais de  
sangue e pólvora nos vidros das janelas.

Balas perdidas que se hospedam  
nas vértebras de um grito.

## ZONA CINZENTA

Inventou-se uma zona  
cinzenta da moral  
em que foram abolidos  
o bem e o mal.  
A partir daí, tudo  
será permitido  
em nossa aldeia global.  
Logo mais os profetas  
da esdrúxula moral  
decidem mudar as regras  
do Juízo Final.

## ESTUDO

O cinismo  
é a única oferenda  
a que os vassalos têm direito.  
Está sempre de boca  
aberta: os incisivos  
e caninos de uma flor canibal.  
Do caule à raiz  
o cinismo sabe de cor  
todas as maracutaias da utopia  
volátil. Vai e volta  
entra em cena e sai de cena  
sem deixar pluma do  
seu desdém.  
Quando sobe à ribalta, trapaceia.  
Com ou sem máscara.

## SIMETRIA DO CAOS

Vive-se pouco e mal  
anda-se à deriva das marés da vida  
come-se quando sobram algarismos nas estatísticas  
dos burocratas  
confunde-se mau hábito com mau hálito  
ama-se aos gritos e às pressas  
perde-se o cabelo antes de perder a memória  
clama-se em vão pelo bálsamo da justiça  
chama-se e ninguém responde  
muda-se de código e de monólogo  
mastiga-se a voz, reminiscências de carne podre  
pega-se o ladrão mas o ladrão  
volta pontualmente no dia seguinte  
nega-se o corpo, a alma e as promessas feitas  
vomita-se ódio na hora da ceia  
mente-se cada vez mais por dever de ofício  
morre-se em decúbito de morte súbita  
ou se morre de fome nos braços da Ré-pública.

## DESELOGIO DA MENTIRA

Mentis o tempo todo  
a pretexto de tudo e de nada.  
Mentis aos homens e aos mortos  
e a seus descendentes.  
Mentis a Deus e ao diabo  
ao sol e ao vento, aos pobres  
de sonhos e haveres. Mentis às vossas  
imagens e aos espelhos  
que as refletem. Só não mentis  
às vossas sombras porque se afastam  
de vós quando vos aproximais delas.

## SINA DE POETA

O poeta é esse espantalho  
a que não pertence  
o colar de ouro das espigas.

O poeta é o que sabe  
que os olhos do abismo  
estão sempre abertos.

Aonde quer que vá  
o poeta escreve com sangue  
as vogais do seu epitáfio.

Íntimo de ausências e augúrios  
ao poeta só resta arder  
nas chamas das palavras.

## HIENAS COMEM FOLHAS VERDES

Hienas fotogênicas  
rondam os palácios e adjacências de Brasília.  
Suas gargalhadas obscenas  
repercutem nas cúpulas das igrejas  
nos bares, nas esquinas  
e arrebetam as esquadrias dos arranha-céus.

As hienas nos espreitam através das vidraças  
com suas pupilas marejadas de sangue.  
As ruas estão vazias.  
Nenhum vestígio de humanidade trespassa o ar.  
Só se ouve o marulho das vozes  
dos excluídos e o ranger de dentes dos chacais.

As hienas vão aos banquetes da fina flor  
do ócio e da mentira.  
Trapaceiam em sete idiomas e sabem de cor  
os sete mandamentos do cinismo.  
As hienas são gordas  
se alimentam de bancarrotas e de folhas verdes.

## NÚPCIAS

Eles estão salvos em seus palácios  
de vidro à prova de bala  
nos olham de longe com desdém  
sabem que estamos ali  
ao vento e à chuva  
famintos sob as flechas do céu  
grudados à poeira e ao  
sangue da terra  
à espera de que as rosas se abram  
para as núpcias da morte.

## A TERRA É DOS MORTOS

Eles foram expulsos da terra  
que semearam  
das casas de barro onde as abelhas  
já não constroem favos de mel.  
Do rio onde os bichos  
já não bebem água  
da cacimba onde as rãs no cio  
já não cantam de noite.  
Eles foram banidos da mesma terra  
onde enterraram seus mortos.



**COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO**



1. IRACEMA – José de Alencar – Edição fac-similada; UFC – 1983.
2. FORTALEZA E A CRÔNICA HISTÓRICA – Raimundo Girão – UFC – 1983.
3. TEMPOS HERÓICOS – Esperidião de Queiroz Lima – Reedição da 2ª parte do livro ANTIGA FAMÍLIA DO SERTÃO – UFC – 1984.
4. AS VISÕES DO CORPO – Francisco Carvalho – UFC – 1984.
5. CONTOS ESCOLHIDOS – Moreira Campos – 4ª Edição – UFC, 1984.
6. DEZ ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1985.
7. O NORTE CANTA – Martins d' Alvarez – 2ª Edição – UFC – 1985.
8. TIBÚRCIO – O GRANDE SOLDADO E PENSADOR – Eusébio de Sousa – Edição Especial – UFC – 1985.
9. O CRATO DE MEU TEMPO – Paulo Elpídio de Menezes – 2ª Edição – UFC – 1985.
10. BUMBA-MEU-BOI E OUTROS TEMAS – Lauro Ruiz de Andrade – UFC – 1985.
11. CANTO DE AMOR AO CEARÁ – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1985.
12. MUNDO PERDIDO – Fran Martins – 2ª Edição – UFC – 1985.
13. ILDEFONSO ALBANO E OUTROS ENSAIOS – F. Alves de Andrade – UFC – 1985.
14. POEMAS ESCOLHIDOS – Cruz Filho – UFC – 1986.
15. REFLEXÕES SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS – Antônio Martins Filho – UFC – 1987.
16. GUSTAVO BARROSO – SOL, MAR E SERTÃO – Eduardo Campos – UFC – 1988.
17. EXERCÍCIOS DE LITERATURA – Francisco Carvalho – UFC – 1989.
18. POESIAS – 2ª Edição – Filgueiras Lima – UFC – 1989.
19. A RECEPÇÃO DOS ROMANCES INDIANISTAS DE JOSÉ DE ALENCAR – Ingrid Schwamborn – UFC – 1990.
20. LITERATURA SEM FRONTEIRAS – Coordenadores: Helmut Feldmann e Teoberto Landim – UFC – 1990.
21. UFC & BNB – Educação para o Desenvolvimento – Antônio Martins Filho – UFC – 1990.
22. IMPÉRIO DO BACAMARTE – Joaryvar Macedo – 2ª Edição – UFC – 1990/1992.
23. O MUNDO DE FLORA – Angela Gutiérrez – UFC – 1990.
24. CRÔNICAS DA PROVÍNCIA DO CEARÁ – Manuel Albano Amora – UFC – 1990.
25. APOLOGIA DE AUGUSTO DOS ANJOS E OUTROS ESTUDOS – F.S. Nascimento – UFC – 1990.

26. ESPELHO DE CRISTAL – Wilson Fernandes – UFC – 1990.
27. MEDICINA MEU AMOR – CONTOS E CRÔNICAS – José Murilo Martins – UFC – 1991.
28. O TERRITÓRIO DA PALAVRA – MEMÓRIA & LITERATURA – Carlos d’Alge – UFC – 1991.
29. METAFÍSICA DAS PARTES – Carlos Gildemar Pontes – UFC – 1991.
30. REINCIDÊNCIA – Cláudio Martins – UFC – 1991.
31. CONCEITOS & CONFRONTOS – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1991.
32. DESCRIÇÃO DA CIDADE DE FORTALEZA – Antônio Bezerra de Menezes – Introdução e Notas de Raimundo Girão – UFC – 1992.
33. NOTURNOS DE MUCURIBE E POEMAS DE ÊXTASE E ABISMO – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1992.
34. NOVOS ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1992.
35. SECA, A ESTAÇÃO DO INFERNO – Teoberto Landim – UFC – 1992.
36. FORTALEZA DESCALÇA – Otacílio de Azevedo – UFC – 1992.
37. CRÔNICA DAS RAÍZES – Francisco Carvalho – UFC – 1992.
38. A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DO CEARÁ – O POVOAMENTO – Vinícius Barros Leal – UFC – 1993.
39. FORMAS E SISTEMAS DE GOVERNO – ITINERÁRIOS E QUESTIONAMENTO – André Haguette (Organizador) – UFC – 1993.
40. HISTÓRIA ABREVIADA DE FORTALEZA E CRÔNICAS SOBRE A CIDADE AMADA – Mozart Soriano Aderaldo – UFC – 1993.
41. ANDANÇAS E MARINHAGENS – Linhares Filho – UFC – 1993.
42. TEMPOS E HOMENS QUE PASSARAM À HISTÓRIA – Tácito Theophilo – UFC – 1993.
43. POESIAS INCOMPLETAS – Antônio Girão Barroso – UFC – 1994.
44. FICÇÃO REUNIDA – Durval Aires, Dimas Macedo (Organizador). – UFC – 1994.
45. O CÉU É MUITO ALTO – Lembranças – Blanchard Girão – UFC – 1994.
46. SONATA DOS PUNHAIS – Francisco Carvalho – UFC – 1994.
47. MAR OCEANO – Fran Martins – 2ª edição – UFC – 1994.
48. SEARA – Luciano Maia – UFC – 1994.
49. MEUS EUS – Pedro Henrique Saraiva Leão – UFC – 1994.
50. A PADARIA ESPIRITUAL – Leonardo Mota – 2ª edição – Introdução e Notas de Sânzio de Azevedo – UFC – 1994.
51. CANTIGAS DO CORAÇÃO – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1995.
52. PROSA DISPERSA – Newton Gonçalves – UFC – 1995.
53. O OUTRO NORDESTE – Djacir Menezes – UFC – 1995.
54. LEITURA E CONJUNTURA – Dimas Macedo – UFC – 1995.

55. LOUVAÇÃO DE FORTALEZA – Lustosa da Costa – UFC – 1995.
56. TEXTOS E CONTEXTOS – Francisco Carvalho – UFC – 1995.
57. NOVOS RETRATOS E LEMBRANÇAS – Antônio Sales – UFC – 1995.
58. MARÉ ALTA – Yolanda Gadelha Theophilo – Imprensa Universitária – 1995.
59. TEORIA DA VERSIFICAÇÃO MODERNA – F.S. Nascimento – UFC – 1995.
60. ELOGIO AOS DOUTORES E OUTRAS MENSAGENS – Antônio Martins Filho – UFC – 1995.
61. COISAS IMPERFEITAS. (Escritos de Filosofia da Ciência) – José Anchieta Esmeraldo e Rui Verlaine Oliveira Moreira – UFC – 1996.
62. SITUAÇÕES E INTERPRETAÇÕES LITERÁRIAS – Pedro Paulo Montenegro – UFC – 1996.
63. MEMÓRIAS DE UM CAÇADOR DE ESTRELAS – Rubens de Azevedo – UFC – 1996.
64. OS CAMINHOS DA UNIDADE GERMÂNICA – Paulo Elpídio de Menezes Neto – UFC – 1996.
65. NO MUNDO DOS TREBELHOS – Ronald Câmara – UFC – 1996.
66. NADA DE NOVO SOB O SOL – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 1996.
67. DIMENSÕES ESPIRITUAIS DA ESPANHA & OUTROS TEMAS – José Newton Alves de Sousa – UFC – 1996.
68. POESIA COMPLETA – Aluizio Medeiros – UFC – 1996.
69. ÁGUAS PASSADAS – Olga Stela Wouters – UFC – 1996.
70. CONCEITOS DE FILOSOFIA – Willis Santiago Guerra Filho – UFC – 1996.
71. RESGATE DE IDÉIAS – Estudos e Expressões Estéticas – Vianney Mesquita – UFC – 1996.
72. A RUA E O MUNDO – Fran Martins – UFC – 1996.
73. MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA – José de Figueiredo Filho – UFC – 1996.
74. A PADARIA ESPIRITUAL E O SIMBOLISMO NO CEARÁ – Sânzio de Azevedo – UFC – 1996.
75. HISTÓRIA ABREVIADA DA UFC – Antônio Martins Filho – UFC – 1996.
76. O ESPANTALHO – Pedro Rodrigues Salgueiro – UFC – 1996
77. A GRAMÁTICA DOPALADAR – *Antepasto de velhas receitas* – Eduardo Campos – UFC.
78. RAÍZES DA VOZ – Francisco Carvalho – UFC – 1996.
79. MISCELÂNEA – de garoto sertanejo a médico cardiologista – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1996.

80. REPASSE CRÍTICO DA GRAMÁTICA PORTUGUESA – Martinz de Aguiar – UFC – 1996.
81. FÉRIAS DO ORÁCULO: uma antologia crítica da obra de José Alcides Pinto – UFC – 1996.
82. TRÊS DIMENSÕES DA POÉTICA DE FRANCISCO CARVALHO – Ana Vlândia Aires Mourão – UFC – 1996.
83. NO MUNDO DA LUA – Martins D' Alvarez – UFC – 1996.
84. NOVELO DE ESTÓRIAS – Hilda Gouveia de Oliveira – UFC – 1996.
85. AS QUATRO SERGIPANAS – Padre F. Montenegro – UFC – 1996.
86. POEMAS DA MEIA-LUZ – Hamilton Monteiro – UFC – 1996.
87. REBUSCAS E REENCONTROS – Linhares Filho – UFC – 1996.
88. ALENCAR, O PADRE REBELDE – J.C. Alencar Araripe – UFC – 1996.
89. RITMOS E LEGENDAS – Martins D' Alvarez – UFC – 1996.
90. O RETRATO DE JANO – Paulo Elpidio de Menezes Neto – UFC – 1996.
91. ROSTRO HERMOSO – Luciano Maia – UFC – 1996.
92. REFLEXÕES MONÍSTICAS SOBRE GEOGRAFIA E OUTROS TEMAS – Caio Lóssio Botelho – UFC – 1996.
93. ATRAVÉS DA LITERATURA CEARENSE – Crítica – Florival Seraine – UFC – 1996.
94. VIRGÍLIO TÁVORA: SUA ÉPOCA – Marcelo Linhares – UFC – 1996.
95. O INQUILINO DO PASSADO – Eduardo Campos – UFC – 1996.
96. POESIA REUNIDA – Otacílio Colares – UFC – 1996.
97. PALIMPSESTO & OUTROS SONETOS – Virgílio Maia – UFC – 1996.
98. MISSISSIPI – Gustavo Barroso – UFC – 1996.
99. PORTUGAL E OUTRAS PÁTRIAS – Osmundo Pontes – UFC – 1996.
100. AS TRÊS MARIAS – Rachel de Queiroz – UFC – 1996.
101. DONA GUIDINHA DO POÇO – Oliveira Paiva – UFC – 1997.
102. ESCADARIAS NA AURORA – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1997.
103. QUIXADÁ & SERRA DO ESTÊVÃO – José Bonifácio de Sousa – UFC – 1997.
104. CANÇÃO DA MENINA – Angela Gutiérrez – UFC – 1997.
105. O SAL DA ESCRITA – Carlos d' Alge – UFC – 1997.
106. MATHIAS BECK E A CIA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS: o domínio holandes no Ceará colonial – Rita Krommen – UFC – 1997.
107. MENINO SÓ – Jäder de Carvalho – UFC – 1997.
108. UMA LEITURA ÍNTIMA DE DÓRA, DORALINA – A lição dos manuscritos – Ítalo Gurgel – UFC – 1997.
109. FICÇÕES – Martins d' Alvarez – UFC – 1997.
110. PRÍNCIPE, LOBO E HOMEM COMUM – (Análise das idéias de Maquiavel, Hobbes e Locke) – Rui Martinho Rodrigues – UFC – 1997.

111. GEOGRAFIA ESTÉTICA DE FORTALEZA – Raimundo Girão – UFC – 1997
112. CARTAS E POEMAS AO ANJO DA GUARDA – Rita de Cássia – UFC – 1997.
113. RIO SUBTERRÂNEO – José Costa Matos – UFC – 1997.
114. ADOLFO CAMINHA: Vida e Obra – Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
115. POEMAS DO CÁRCERE E ÂNSIA REVEL – Carlos Gondim – organização e introdução de Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
116. RIMAS – José Albano – UFC – 1997.
117. VOZ CEARÁ – Stella Leonardos – UFC – 1997.
118. GIRASSÓIS DE BARRO – Francisco Carvalho – UFC – 1997.
119. AS CUNHÃS – Milton Dias – UFC – 1997.
120. FORTALEZA: VELHOS CARNAVAIS – Caterina Maria de Saboya Oliveira – UFC – 1997.
121. NÓS SOMOS JOVENS – Fran Martins – UFC – 1997.
122. TRIGO SEM JOIO (seleção de poemas) – Otacílio de Azevedo – UFC – 1997.
123. UMA CEARENSE NA TERRA DOS *BITTE SCHÖN* – Regine Limaverde – UFC – 1997.
124. O PACTO ( Romance) – Stela Nascimento – UFC – 1997.
125. A POLÍTICA DO CORPO NA OBRA LITERÁRIA DE RODOLFO TEÓFILO – João Alfredo de Sousa Montenegro – UFC – 1997.
126. IMAGENS DO CEARÁ – Herman Lima – UFC – 1997.
127. EDITOR DE INSÔNIA E OUTROS CONTOS – José Alcides Pinto – UFC – 1997.
128. A CAPITAL DO CEARÁ – Geraldo da Silva Nobre – UFC – 1997.
129. MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMARCA DO CRATO – Raimundo de Oliveira Borges – UFC – 1997.
130. CORPO MÍSTICO & OUTROS TEXTOS PARA TEATRO – Oswald Barroso – UFC – 1997.
131. AS VERDES LÉGUAS – Francisco Carvalho – UFC – 1997
132. AUTORES CEARENSES – Joaquim Alves – UFC – 1997.
133. IMAGINANDO ERROS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaine Oliveira Moreira (organizadores) – UFC – 1997.
134. O POÉTICO COMO HUMANIZAÇÃO EM MIGUEL TORGA – Linhares Filho – UFC – 1997.
135. DOIS DE OUROS – Fran Martins – UFC – 1997.
136. AUTA DE SOUZA – Jandira Carvalho – UFC – 1997.
137. NO *APRÈS-MIDI* DE NOSSAS VIDAS – Lustosa da Costa – UFC – 1997.
138. MAR VIOLETA, VIOLETA MAR – Fabiana Guimarães Rocha – UFC – 1997.

139. NÃO HÁ ESTRELAS NO CÉU – João Clímaco Bezerra – UFC – 1997.
140. SONETOS CEARENSES (poetas cearenses) – Hugo Victor – UFC – 1997.
141. IRACEMA – José de Alencar – UFC – 1997.
142. PIREU IDA E VOLTA & OUTRAS CRÔNICAS – Fran Martins – UFC – 1997.
143. UMA CHAMA AO VENTO – Braga Montenegro – UFC – 1997
144. O DISCURSO CONSTITUINTE/Uma Abordagem Crítica – Dimas Macedo – UFC – 1997.
145. A ESCRITA ACADÊMICA (Acertos e Desacertos) – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Vianney Mesquita – UFC – 1997.
146. A ESTRELA AZUL E O ALMOFARIZ: Exercícios de poesia e metapoesia – Horácio Dídimo – UFC – 1998.
147. RUA DA SAUDADE (POESIA) – Eduardo Fontes – UFC – 1998.
148. REMINISCÊNCIAS – Monsenhor José Quinderé – UFC – 1998.
149. A INSTITUIÇÃO NOTARIAL NO DIREITO COMPARADO E NO DIREITO BRASILEIRO – Regnoberto Marques de Melo Júnior – UFC – 1998.
150. CRÔNICAS DA MOCIDADE NO CEARÁ – Pires Saboia – UFC – 1998.
151. MÃO DE MARTELO E OUTROS CONTOS – Astolfo Lima Sandy – UFC – 1998.
152. A NOITE EM BABYLÔNIA E OUTROS RELATOS AO ETERNO – Poesia – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1998.
153. ESTRELA DO PASTOR – Romance – Fran Martins – UFC – 1998.
154. A BORBOLETA ACORRENTADA-Contos-Eduardo Campos-UFC-1998.
155. HISTORIA ABREVIADA DE LA UFC-Antonio Martins Filho-UFC-1998.
156. GRACILIANO RAMOS-*Reflexos de Sua Personalidade na Obra*-Helmut Feldmann-UFC-1998.
157. OS CAMINHOS DA MUNICIPALIZAÇÃO NO CEARÁ-*Uma Avaliação*-André Haguette e Eloísa Vidal (*Organizadores*)-UFC-1998.
158. O CRUZEIRO TEM CINCO ESTRELAS-Romance-Fran Martins-UFC-1998.
159. MÉDICOS ESCRITORES E ESCRITORES MÉDICOS DA UFC – Geraldo Bezerra da Silva – UFC – 1998.
160. A VOLTA DO INQUILINO DO PASSADO – Segunda Locação – Memórias – Eduardo Campos – UFC – 1998.
161. O LIMO E A VÁRZEA – Poesia – Regine Limaverde – UFC – 1998.
162. TERRA BÁRBARA – Poesia – Jáder de Carvalho – UFC – 1998.
163. A GUERRA DOS PANFLETOS – História – Waldy Sombra – UFC – 1998.
164. ROMANCE DA NUVEM PÁSSARO – Poesia – Francisco Carvalho – UFC – 1998.
165. NOTÍCIA DO POVO CEARENSE – História – 2ª Edição – Yaco Fernandes – UFC – 1998.

166. A ÚLTIMA TESTEMUNHA – Romance – Elano Paula – UFC – 1998.
167. A INVENÇÃO DO DISCURSO AMBIENTAL – Ecologia – Eduardo Campos – UFC – 1998.
168. URBANIDADE E CULTURA POLÍTICA-(*A cidade de Fortaleza e o liberalismo cearense no século XIX*)-José Ernesto Pimentel Filho-UFC-1998.
169. PEDRAS DO ARCO-ÍRIS OU A INVENÇÃO DO AZUL NO EDITAL DO RIO -Poesia-Barros Pinho-UFC-1998.
170. CONTAGEM PROGRESSIVA-Reminiscências da Infância-Memórias-Caio Porfírio Carneiro-UFC-1998.
171. RACHE O PROCÓPIO! – Crônicas-Lustosa da Costa-UFC-1998.
172. O VENDEDOR DE JUDAS – Contos – Tércia Montenegro – UFC – 1998.
173. A CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA – Ensaios – José Filomeno de Moraes Filho – UFC – 1998.
174. ALMA DE POETA – Poesia – Eduardo Fontes – UFC – 1998.
175. ESTUDOS TÓPICOS DE DIREITO ELEITORAL – Ensaios – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 1998.
176. SALA DE RETRATOS – Poesia – Marly Vasconcelos – UFC – 1998.
177. A CONCHA IMPOSSÍVEL – Poesia – Napoleão Maia Filho – UFC – 1998.
178. RASGANDO PAPÉIS – Memórias – Tacito Theophilo Gaspar de Oliveira – UFC – 1998.
179. CRATO: LAMPEJOS POLÍTICOS E CULTURAIS – História – F. S. Nascimento -UFC – 1998.
180. NA TRILHA DOS MATUIÚS – Contos – José Costa Matos – UFC – 1998.
181. NADA NUEVO BAJO EL SOL – Novela – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 1998.
182. GENTE NOVA – (Notas e Impressões) – Crítica – Mário Linhares – UFC – 1998.
183. TEMAS DE DIREITO ADMINISTRATIVO E TRIBUTÁRIO – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 1998.
184. O GUARANI ERA UM TUPI?-*Sobre os romances indianistas O Guarani, Iracema, Ubirajara de José de Alencar*-Ingrid Schwamborn-UFC-1998.
185. A PRESENÇA DA POESIA NO MUNDO DOS NEGÓCIOS – Antônio Martins Filho – UFC – 1998.
186. NORTE MAGNÉTICO – Poesia – Sérgio Macedo – UFC – 1998.
187. REVOLUÇÃO POR CONSENTIMENTO – Valores ético-sociais do empresariado – União pelo Ceará político – 1962/CIC-1978 – José Flávio Costa Lima – UFC – 1998.
188. CANTO IMATERIAL – Poesia – Vanderley Moreira – UFC – 1998.
189. POR UM FIO – Contos – Sandra Maia – UFC – 1999.

190. ERA UMA VEZ – Poesia – Karla Karenina – UFC – 1999.
191. O PORTAL E A PASSAGEM – Poesia – Beatriz Alcântara – UFC – 1999.
192. POÇO DOS PAUS – Romance – 2ª Edição – Fran Martins – UFC – 1999.
193. CAPISTRANO DE ABREU – Biobibliografia – José Aurélio Saraiva Câmara UFC – 1999.
194. UNIVERSIDADE – Caminho para o desenvolvimento – José Teodoro Soares – UFC – 1999.
195. PONTA DE RUA – Romance – 2ª Edição – Fran Martins – UFC – 1999.
196. MELANCHOLIA – (Antologia) – Sociedade de Belas Letras & Artes Academia da Incerteza – UFC – 1999.
197. TEATRO – (Teatro Completo de Eduardo Campos)-VOL I – Eduardo Campos – UFC – 1999.
198. TEATRO – (Teatro Completo de Eduardo Campos) -VOL II – Eduardo Campos – UFC – 1999.
199. Para uma FILOSOFIA da FILOSOFIA (Conceitos de Filosofia) – Willis Santiago Guerra Filho – UFC – 1999.
200. CAMINHOS ANTIGOS E POVOAMENTO DO BRASIL – 3ª Edição – J.Capistrano de Abreu – UFC – 1999.
201. O GUARANI – José de Alencar – Romance – (Volume I) – UFC – 1999.
202. O GUARANI – José de Alencar – Romance – (Volume II) – UFC – 1999.
203. CARLOS BASTOS TIGRE- *O Guardião das Árvores* (Centenário) – Ilka Tigre/Organizadora – UFC – 1999.
204. NORDESTE MÍSTICO-Império da Fé – *Ensaio sobre manifestações da religiosidade popular, no folclore e do sincretismo religioso do Nordeste* – Vilma Maciel e Célia Magalhães – UFC – 1999.
205. ROTEIRO BIOGRÁFICO DAS RUAS DO CRATO – J. Lindemberg de Aquino – UFC – 1999.
206. BRASIL, A EUROPA DOS TRÓPICOS – *500 anos rumo à Civilização Trópico-Equatorial*- Caio Lóssio Botelho – UFC – 1999.
207. VOZES DO SILÊNCIO – Poesia – Cecília Bossi – UFC -1999.
208. ESTÂNCIA CEARENSE – Poesia – Márcio Catunda – UFC – 1999.
209. A SHORT HISTORY OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF CEARÁ (UFC) – Antônio Martins Filho – UFC – 1999.
210. O ELEFANTE E OS CEGOS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaine Oliveira Moreira (*Organizadores*) – UFC – 1999.
211. MANIPUEIRA – Contos – Fran Martins – UFC – 1999.
212. REENCONTRO – Contos – Glória Martins – UFC – 1999.
213. LOUVADO SEJA TAMBÉM OPEIXE (crônicas) – Ciro Colares – UFC – 1999.
214. A LEI 4.320 – COMENTADA AO ALCANCE DE TODOS (Direito Financeiro) – Afonso Gomes Aguiar – UFC – 1999.

215. DIREITO PROCESSUAL – QUATRO ENSAIOS – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 1999.
216. CANTOS DA ANTEVÉSPERA – Sânzio de Azevedo – UFC – 1999.
217. NOITE FELIZ (Contos) – Fran Martins – UFC – 1999.
218. O PRANTO INSÓLITO – Eduardo Campos – UFC – 1999.
219. PALAVRAS AOS QUE AINDA OUVEM (Discursos) – Raimundo Bezerra Falcão – UFC – 1999.
220. LUSO-BRASILIDADES – NOS 500 ANOS – Dário Moreira de Castro Alves – UFC – 1999.
221. FEITOSAS – GENEALOGIA – HISTÓRIA – BIOGRAFIAS – Aécio Feitosa – UFC – 1999.
222. CANUDOS – Poema dos Quinhentos – Carlos Newton Júnior – UFC – 1999.
223. PERSONAS – Notas de Um Bibliófilo Cearense – José Bonifácio Câmara – UFC – 1999.
224. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: Em busca da operacionalização – Manoel do Nascimento Barradas (Organizador) – UFC – 1999.
225. COMEÇAR DE NOVO: Romance – Elano Paula – UFC – 1999.
226. COMO ME TORNEI SEXAGENÁRIO – Lustosa da Costa – UFC – 1999.
227. PODER JUDICIÁRIO – A Reforma Administrativa Possível (Algumas Reflexões) – Cândido Bittencourt de Albuquerque – UFC – 1999.
228. ORÁCULO – Magdalena Sá – UFC – 1999.
229. CHICO CALDAS, O Patriarca de Viçosa do Ceará – João Severiano Caldas da Silveira – UFC – 1999.
230. UMA VIDA CONTRA HITLER – Hermann M. Görgen – UFC – 1999.
231. A CONCHA E O RUMOR – Francisco Carvalho – UFC – 2000.
232. NARRADORES DO PADRE CÍCERO: DO AUDITÓRIO À BANCADA – Marinalva Vilar – UFC – 2000.
233. ESTUDOS TEMÁTICOS DE DIREITO CONSTITUCIONAL – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 2000.
234. ESTAÇÕES DE SONETOS – José Costa Matos – UFC – 2000.
235. NO RASTRO DO BOI: CONQUISTAS, LENDAS E MITOS – Francisco Ésio de Souza – UFC – 2000.
236. DERECHO CONSTITUCIONAL Y CONTROL DE CONSTITUCIONALIDAD EN LATINOAMÉRICA – Régis Frota – UFC – 2000.
237. A DECISÃO DE SATURNO (FILOSOFIA, TEORIAS DE ENFERMAGEM E CUIDADO HUMANO) – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Rui Verlaine – UFC – 2000.
238. O AMIGO DE INFÂNCIA (CONTOS) – Fran Martins – UFC – 2000.

239. COLHEITA TROPICAL: HOMENAGEM AO PROFESSOR DR. HELMUT FELDMANN – Antônio Martins Filho e Teoberto Landim (Organizadores) – UFC – 2000.
240. MAR OCEANO (CONTOS) – Fran Martins – UFC – 2000.
241. O CANADÁ É BEM ALI – Regine Limaverde – UFC – 2000.
242. AMOR NOS TRÓPICOS (Ensaio e seleta de poemas contemporâneos) – Beatriz Alcântara e Lourdes Sarmento (Organizadoras) – UFC – 2000.
243. AUTONOMIA DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS (3ª Edição) – Antônio Martins Filho – UFC – 2000.
244. A DESCOBERTA DO SABOR SELVAGEM – Eduardo Campos – UFC – 2000.
245. PSICOLOGIA DO POVO CEARENSE – Abelardo F. Montenegro – UFC – 2000.
246. HISTÓRIAS PARA PASSAR O TEMPO... – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 2000.
247. FRANCISCO CARVALHO: UMA POESIA DE TANATOS E DE EROS – Mailma de Sousa – UFC – 2000.
248. MUNDO PERDIDO – Fran Martins – UFC – 2000.
249. A PRÓXIMA ESTAÇÃO (ROMANCE) – Teoberto Landim – UFC – 2000.
250. MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO (1º VOLUME) – CORAÇÃO DE MENINO – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
251. ESTUDOS PROCESSUAIS SOBRE O MANDADO DE SEGURANÇA – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 2000.
252. MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO (2º VOLUME) – LICEU DO CEARÁ – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
253. A SEARA DE SANTIAGO NO BRASIL – Aduino Leitão – UFC – 2000.
254. O CURIOSO: NA TRILHA DAS ALMAS – Heloisa Helena Caracas de Souza – UFC – 2000.
255. IDÉIAS E PERSONALIDADES NA PASSAGEM DO MILÊNIO – Mauro Benevides – UFC – 2000.
256. MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO (3º VOLUME) – O CONSULADO DA CHINA – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
257. A GUERRA DE ARTIGAS (1816-1820) – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
258. PELAS MÃOS DA POESIA – Eduardo Fontes – UFC – 2000.
259. HISTÓRIA ECONÔMICA DO CEARÁ – (2ª. Edição) – Raimundo Girão – UFC – 2000
260. A GUERRA DO VIDÉO (1825-1828) – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
261. RAZÃO E FÉ DO CARVOEIRO – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Rui Verlaine Oliveira Moreira – UFC – 2000.
262. DESTINOS CRUZADOS – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 2000.

263. O ANTIGO PEREGRINO – Napoleão Maia Filho – UFC – 2000.
264. A GUERRA DO FLORES – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
265. A GUERRA DO ROSAS – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
266. A GUERRA DO LOPEZ – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
267. O POUSO DA ÁGUIA – Eduardo Campos – UFC – 2000.
268. O PARCEIRO SÓ – Eduardo Campos – UFC – 2000.
269. RASCUNHOS & RESENHAS – Francisco Carvalho – UFC – 2001.
270. POEMAS DO AMOR DEMASIADO – Napoleão Maia Filho – UFC – 2001.
271. DE CARONA NO TEMPO (CONTOS • CRÔNICAS • CASOS) – Elano Paula – UFC – 2001.
272. ENSAIOS E PERFIS – Joaryvar Macedo – UFC – 2001.
273. A REVOLTA DO COMPUTADOR E OUTROS CONTOS DE MISTÉRIO – Artur Eduardo Benevides – UFC – 2001.
274. A VIDA SEM POESIA É BEM PEQUENA – Ana Carolina Borges Leão Martins – UFC – 2001.
275. INSTANTÂNEOS DE UMA ÉPOCA – FACULDADE NACIONAL DE MEDICINA (1948/53) – José Murilo Martins – UFC – 2001.
276. INTERPRETAÇÃO DO CEARÁ – Abelardo F. Montenegro – UFC – 2001.
277. A ARCA DO PEREGRINO – Napoleão Maia Filho – UFC – 2001.
278. A OUTRA MARGEM (Filosofia, Teorias de Enfermagem e Cuidado Humano) – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Rui Verlaine Oliveira Moreira (Organizadores) – UFC – 2001.
279. TREINAMENTO EM PSICOTERAPIA INDIVIDUAL, DE GRUPO E DE CASAL (Um Guia para Supervisores e Terapeutas iniciantes) – Mônica Teles Tavora – UFC – 2001.
280. AVIS RARA – Angela Guitiérrez – UFC – 2001.
281. O SOL NO ENTARDECER – Sinésio Cabral – UFC – 2001.
282. PASSAGEIRO DE MIM – Cláudia Régia – UFC – 2001.
283. FRANCISCO CARVALHO – O SUBSTRATO DA QUADERNA – Mailma de Sousa – UFC – 2001.
284. FATOS E CURIOSIDADES – MISSÃO VELHA – Célia Magalhães – UFC – 2001.
285. O INFERNO DA GUERRA ÉTNICA EM KOSOVO – Vilma Maciel – UFC – 2001.
286. ROTEIRO SENTIMENTAL – GEOPOÉTICA DO BRASIL – Martins d'Alvarez – UFC – 2001.
287. POESIA DO COTIDIANO – Martins d'Alvarez – UFC – 2001.
288. MERCADOR DE SONHOS – Sérgio Macedo – UFC – 2001.
289. ESTAÇÕES DO PEREGRINO – Napoleão Maia Filho – UFC – 2001.

290. MOMENTOS – Almey Cordeiro Lima – UFC – 2001.
291. O DIREITO DE RECORRER: INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO SISTEMA RECURSAL – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 2002.
292. ALMANAQUE NEOLATINO – Luciano Maia – UFC – 2002.
293. LUA NOVA (POEMAS) – Laíre Dutra Serra Matos – UFC – 2002.
294. TEMAS COSMO-FILOSÓFICOS – Mauro Mendes Rangel – UFC – 2002.
295. ESTUDOS PROCESSUAIS SOBRE O MANDADO DE SEGURANÇA – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 2000.
296. JÚLIO DE MATTOS IBIAPINA – Abelardo Montenegro – UFC – 2002.
297. CARAS RECORDAÇÕES – SOCORRO FARIAS – UFC – 2002.
298. O LIVRO DOS ENFORCADOS – Gustavo Barroso – UFC – 2002.
299. GENEALOGIA DA FAMÍLIA FERNANDES, DORIO GRANDE DO NORTE – Hermógenes E. Fernandes – UFC – 2002.
300. O SILÊNCIO É UMA FIGURA GEOMÉTRICA – Francisco Carvalho – UFC – 2002.



Impressão e Acabamento

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC

Av. da Universidade, 2932 - fundos - Benfica

Caixa Postal 2600 - Fone/Fax: (0xx85) 281.3721

Fortaleza - Ceará - Brasil

